

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
MESTRADO EM LETRAS – LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

LÍZIA KHÊNIA DE CAMPOS ROSA OLIVEIRA MACHADO

**PELOS *BECOS DA MEMÓRIA*:
UMA ANÁLISE DA AUTORREPRESENTAÇÃO NEGRO-FEMININA EM
CONCEIÇÃO EVARISTO**

**GOIÂNIA-GO
2021**

LÍZIA KHÊNYA DE CAMPOS ROSA OLIVEIRA MACHADO

**PELOS BECOS DA MEMÓRIA:
UMA ANÁLISE DA AUTORREPRESENTAÇÃO NEGRO-FEMININA EM
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Literatura e Crítica, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, para obtenção do título de Mestra em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira.

GOIÂNIA-GO
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

M149p Machado, Lizia Khênya de Campos Rosa Oliveira
Pelos Becos da Memória : Uma análise da autorrepresentação
negro-feminina em Conceição Evaristo / Lizia Khênya
de Campos Rosa Oliveira Machado.-- 2021.
81 f.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2021
Inclui referências: f. 74-77

1. Evaristo, Conceição, 1946- - Crítica e interpretação.
2. Memória na literatura. 3. Negras na literatura.
I. Teixeira, Átila Silva Arruda. II. Pontifícia Universidade
Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Letras
- 2021. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 821.134.3(81)-94.09(043)



**PUC
GOIÁS**



JUBILEU DE
DIAMANTE
200-2021

PELOS BECOS DA MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DA AUTORREPRESENTAÇÃO NEGRO-FEMININA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
aprovada em 26 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira / PUC Goiás

Prof. Dr. Paulo Petronílio Correla / UnB

Prof. Dr. Paulo Antônio Vieira Júnior / PUC Goiás

Prof. Dra. Elizete Albina Ferreira / PUC Goiás

Prof. Dr. Eduardo Vieira Gervasio / FASAM

Dedico este trabalho às pretas fortes e batalhadoras da minha família que vieram antes de mim e as que ainda virão;

Ao meu pai e minha mãe, por me conduzirem no melhor caminho: o conhecimento, a verdade e a vida;

Ao meu companheiro: Delcino e minhas meninas Anna Karolyna e Júllia Robertha pela parceria e todo incentivo nessa caminhada;

AGRADECIMENTOS

A memória mais antiga que tenho de minha infância em se tratando de livros é, a de pegar alguma Bíblia lá em casa e resolver ilustrá-la ou escrever meus sábios comentários, do alto dos meus 4 ou 5 anos e pensar que um dia eu iria escrever um livro tão grosso quanto aquele.

O tempo foi passando e a leitura foi se fazendo cada vez mais forte em minha vida seja nos livros da Coleção Vagalume, ou do Sítio do Pica-Pau Amarelo e o clássico Meu Pé de Laranja Lima, oferecido pela bibliotecária da escola em que minha mãe trabalhava, a D. Norma. Foi a primeira vez que chorei ao ler um livro e descobri que palavras podem sim passar por dentro da gente de uma maneira que nada e nem ninguém pode imaginar.

A partir daí não parei mais de ler. Todo tipo de literatura que caiu em minhas mãos, foi devorado sem nenhum tipo de parcimônia. Preciso admitir nunca fui muito seletiva, li de tudo um pouco e de tantos outros muito. Li até daqueles livros de faroeste estilo almanaque, apresentado a mim por outro leitor muito caro a mim Sr. Magalhães, de sorriso farto, paciência gigante e uma bolsa cheia de livros.

É claro que as letras se tornariam parte de mim e, acabei por abraçar o ofício de professora de Língua Portuguesa. Em sala de aula sempre propus atividades que envolvessem a leitura, meu prazer sempre foi apresentar aos meus alunos o fantástico mundo dos livros.

Então o Mestrado acontece, meu sonho dourado. Enfim poderia dedicar um tempo ao estudo daqueles que tanto me intrigam e me acompanham desde sempre. Sabia que o caminho certamente não seria fácil, afinal de contas o conhecimento tem seu “preço”, mas, sou uma pessoa otimista e abracei com força e determinação a oportunidade de realizar meu sonho.

Mas este foi um sonho realizado somente porque tenho uma rede de apoio que me sustenta e que preciso aqui nomear.

A Deus, o autor e consumidor da minha fé. Senhor, só existo porque o Senhor existe em mim.

Agradeço ao meu companheiro de vida: Delcino (Vida), não poderia ter escolhido ninguém melhor que você para me acompanhar nessa trajetória chamada casamento. Obrigada por acreditar em mim mesmo quando eu mesma não acreditava. Por suportar todo estresse, choro e inúmeras vezes que disse que ia desistir e que pacientemente me ouviu, me ofereceu um chocalatinho qualquer, massagens nos pés mesmo que a contragosto e principalmente não me deixou parar.

Às minhas meninas-mulheres: Anna Karolyna e Júlia Robertha meu agradecimento pelos papos-cabeças, pelas piadinhas e por me aguentarem quando ninguém aguentaria. Esse é um reconhecimento público da força que vocês me dão. Sem dúvida vocês são o melhor de mim e de seu pai.

Agradeço aos meus pais, minha irmã, meu cunhado, sobrinhos, sobrinhas e sobrinhos netos. Obrigada pelas orações, pelos sorrisos e por compreenderem muitas vezes minha ausência mesmo quando presente.

A alguns amigos que durante o caminho não desistiram de mim e nem tão pouco deixaram de me amar: Difátima – minha companheira das madrugadas repleta de risos e desabafos, Kelly – minha amiga doce. Dona de um abraço delicioso e de uma paciência imensa. Karla – amiga de adolescência e incentivadora da minha vida acadêmica desde muito antes do mestrado. Suellen e Telma – Incentivadoras em todo tempo. Talvez se não tivessem me estimulado a começar o caminho não seria possível estar aqui, finalizando essa etapa tão importante. Ao amigo Fred – pela paciência em responder todas as minhas perguntas relacionadas a história ou a religiões de matrizes africanas, sem nenhum tipo de exasperação ou julgamento.

Meus amigos irmãos Robério e Márcia – obrigado por permitirem sentir o amor de vocês mesmo a distância. A promessa de estarmos juntos, ouvindo o barulho do mar e jogando conversa fora quando essa pandemia passar e essa etapa de minha vida finalizar é o que me ajudou em muitos momentos.

As companheiras que o ministério feminino me deu: Glênia, Anna Lettícia e Jacira. Obrigada pela sensibilidade em entender minhas limitações durante o processo de escrita, assumindo compromissos, se colocando na brecha e me dando a certeza de que há amigos mais chegados que irmãos.

As meninas do Clube de Leituras que me ensinaram o significado da expressão “ninguém solta a mão de ninguém”, com palavras de acolhimento, compartilhamento de experiências, pela apresentação e pelo estudo de textos tão potentes e significativos permeadas às vezes por grande indignação e outras tantas por risadas frouxas e completamente validadas por nossa condição de mulheres negras.

Aos professores do Mestrado em Literatura e Crítica Literária da PUC Goiás, meu carinho e reconhecimento. Sem vocês certamente o caminho teria sido menos colorido. Guardo com carinho em minha memória todo incentivo que recebemos de vocês. Obrigada por me fazerem acreditar que podemos ser sempre melhores do que já somos.

A minha turma de Mestrado que, certamente não há outra melhor, minha amizade e gratidão por estarem sempre comigo. Agradeço ao Cristiano pelas conversas lúcidas e sempre cheias de otimismo, a minha querida Antônia pelo carinho e palavras sempre recheadas de dulçor e poesia; ao Marcus pelas risadas, algumas etílicas? Vai saber né Marquinho e também discussões políticas.

Agradeço ao Everaldo por compartilhar com a gente seu amor pela literatura através de seus livros, a Glauciane pela parceria discreta, mas sempre presente, ao Leonardo pelo socorro sempre que o desespero embotava o cérebro, ao Marcelo pelo compartilhar de ansiedades e sugestões calmas e serenas que muito me ajudaram, ao Franco que – sempre que aparece – tem provocações muito válidas e um ouvido excelente também para novas colocações. Obrigada Edna pela cumplicidade compartilhada por mulheres pretas e que não tem nenhuma explicação além da ancestralidade que nos une. Simone e Valéria, parceiras de escrita. Dividimos muito mais que o mesmo orientador. Dividimos angústias, sorrisos, correrias e nessa caminhada nos fizemos mais fortes.

Ao professor Dr. Átila Arruda meus agradecimentos pelas orientações, pontuações sempre tão pertinentes e feitas sempre com muita elegância e educação. Por aceitar me acompanhar mesmo depois que já havíamos definido o tema da minha pesquisa. Por reconhecer o brilho em meus olhos ao me deparar com os escritos de Conceição Evaristo e me permitir falar de um assunto tão importante que, foi capaz de gerar mudanças que transcenderam o espaço acadêmico e reverberaram na minha conduta enquanto pessoa e mulher. Por me permitir “aquilombar” em um espaço ainda pouco explorado e seguir comigo nessa empreitada o meu muito obrigada.

Ao professor Dr. Paulo Petronílio gostaria de agradecer pelas provocações. Ouvir suas indagações, explicações e sugestões sem sombra de dúvidas, enriqueceram minha escrita e abriram significativamente meu leque literário. É lisonjeador ser acolhida por alguém que tem tanto conhecimento. Ter a oportunidade de compartilhar muito mais que a escrita, também os atravessamentos e enfrentamentos que enfrentamos em nossas caminhadas como pessoas negras, para além de nossas diferenças, só me faz acreditar que o respeito e o afeto são perfeitamente cabíveis em qualquer ambiente, inclusive no ambiente acadêmico. Obrigada professor por me fazer acreditar que podemos ser melhores sempre!

Ao professor Dr. Paulo Antônio um agradecimento regado de muita admiração e respeito. Professor, gratidão talvez não seja o suficiente para que eu expresse o quanto seu apoio foi importante para mim. Me lembro nitidamente do dia que conversamos sobre meu objeto de pesquisa e o senhor me disse que não haveria ninguém melhor que eu para falar sobre a

Conceição. A partir daí nosso relacionamento foi se estreitando e naquela mágica ancestral, inerente a nosso povo, a gente foi se aproximando e se reconhecendo enquanto pertencentes a um campo acadêmico que precisa ser revisto e ocupado por mais corpos pretos. Obrigada por me acalmar nos momentos de desespero, pelos “sacodes” e por me ajudar a vencer essa etapa.

A mestra Conceição Evaristo por me conduzir em uma descoberta de mim e através de mim com tanta poesia e maestria. “D. Ceixa” um dia ainda terei a honra de olhar em seus olhos, dar um abraço bem apertado e te agradecer por me fazer reconhecer a importância de todas as mulheres pretas que vieram antes de mim a fim de que eu ajude as que estão vindo depois de mim a se verem como mulheres potentes e que podem mudar o mundo.

A Bíblia diz que todos somos um em Cristo que é tudo em todos. Percebi que isso significa “UBUNTU”, afinal, eu sou a soma de todos vocês que fazem parte da minha vida.

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo.
(Conceição Evaristo)

RESUMO

Esta dissertação pretende refletir como a literatura negro-feminina vem através dos escritos de Conceição Evaristo e, especificamente pela narrativa de **Becos da Memória**, reivindicar uma narrativa protagonizada pela mulher preta para torná-la sujeito de sua própria história. Em um momento em que a literatura contemporânea se propõe a discutir e a problematizar o fazer literário a partir do relato de personagens e, de autores que são oriundos de espaços marginalizados social e culturalmente, tenciona-se refletir sobre a capacidade que tal escrita tem de trazer visibilidade a lugares e pessoas antes não, ou pouco reconhecidas no meio literário a partir de seu próprio “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019). Através da narrativa de suas memórias Evaristo reivindica uma literatura que, rompe com os padrões impostos em representações estigmatizadas e preconceituosas, que vigoram em nossa sociedade. O estudo dialoga com as teorias de bell hooks (2019), Lélia Gonzales (2018), Angela Davis (2016), Audre Lorde (2020), Patrícia Hill Collins (2016), Grada Kilomba(2019), Chimamanda Adichie(2019), Gayatri Spivaki (2016), Djamila Ribeiro (2019), Sueli Carneiro (2019) e tantas outras, pretende-se refletir sobre a literatura negro-feminina como forma de resistência e subversão em um contra-discurso que compreenda a identidade da mulher preta como produtora de discursos repletos de significados e proximidade com o leitor. Seja através do reconhecimento de si ou do reconhecimento do outro, **Becos da Memória** vem propor uma fratura no *status quo* literário permitindo que outras vozes sejam ouvidas a partir de uma perspectiva que, até então eram exclusivas de uma elite branca, heteronormativa e com privilégios de classe.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Becos da Memória, Subalternidade, Lugar de Fala, Escrivência, Memória

ABSTRACT

This dissertation intends to reflect on how Black women's literature, through Conceição Evaristo's writings, demands narratives in which a Black woman is the main character of her own story. In a time in which the current literature scene proposes discussions and the critical thought of the writing process coming from the character's perspective, and authors who are from socially and culturally marginalized spaces, it is important to reflect on the ability of this type of writing to bring visibility to places and people not or barely known in the literary world by giving them their own "standpoint speech" (RIBEIRO, 2019). Through the telling of her memories, Evaristo demands that the literature breaks with the imposed standards of prejudiced and stigmatized representations in our society. This study converses with the theories of bell hooks (2019), Lélia Gonzales (2018), Angela Davis (2016), Audre Lorde (2020), Patrícia Hill Collins (2016), Grada Kilomba (2019), Chimamanda Adichie(2019), Gayatri Spivaki (2016), Djamila Ribeiro (2019), Sueli Carneiro (2019), and so many others, and it intends to reflect about Black women's literature as resistance and a subversive way to understand Black women's identity as producers of meaningful and close-to-reader discourses. Whether through the self recognition or the recognition of the other, **Becos da Memória** proposes a fracture of the literary status quo, allowing other voices to be heard from a perspective that was exclusive to a white, heteronormative, and class privileged elite.

Keywords: Black women's literature; Black feminism; Memory

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1 – A VOZ QUE INCOMODA A CASA GRANDE É NEGRA E FEMININA	14
1.1 A memória como construção da consciência negro-feminina em Conceição Evaristo	19
1.2 Becos da Memória: um manifesto da autorrepresentação negro-feminina	25
2. “ESCREVIVÊNCIA” ... PARTICULARIDADE DE UMA... COTIDIANO DE TODAS	34
2.1. A representação e autorrepresentação negro-feminina	42
2.2 – Becos Da Memória: Um Manifesto Pela Desobjetificação Dos Sujeito Feminino ...	49
3 – AS MULHERES EM BECOS DA MEMÓRIA.....	55
3.1 – Maria-Nova – a força que vem de dentro	61
3.2 – Erguer a voz... não passar a vez: o lugar de fala em Becos da Memória.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

Era um dia como outro qualquer. Após as atividades normais que assoberbavam seu dia, enfim, em casa. Mesmo tendo que assumir a rotina doméstica, o estar em casa já era um alívio para o corpo e a mente cansada. Realizar tarefas domésticas e mecânicas acabavam por ser um momento em que ela podia tentar silenciar as tantas vozes em sua mente.

O que ela não podia imaginar nunca é que ao terminar tudo e pegar um livro para ler, outras vozes começariam a gritar e mexer com ela de uma maneira tão forte, tão potente que, certamente não seria mais a mesma.

Em um relato que misturava beleza e dor e que a levou em vários momentos a fechar abruptamente o livro, dar risada, chorar copiosamente, ela se viu ali, sem conseguir parar de ler, presa, ilustrada, representada nas linhas perfeitamente escritas por Conceição Evaristo.

Não dormiu o suficiente aquela noite. Procurava falar com todos ao seu redor sobre as sensações que a autora havia suscitado nela. Ligou para as filhas que moravam fora só para contar o que tinha lido e perguntar se elas também concordavam com ela e, daí se o fuso-horário era outro? A cada vez que repetia as histórias sentia aquela dor fininha atravessar seu coração e sua consciência.

O dia parecia não chegar. Pesquisas e mais pesquisas na internet, vídeos, músicas, poemas. Que noite longa... precisava ler mais dessa autora. Quem era essa pessoa que entrava assim no coração e na mente das pessoas? No momento que viu a foto de Conceição foi quase que um instante de epifania e reconhecimento. Aquela mulher de voz calma, cabelos grisalhos, suscitava nela a lembrança, o cheiro de seus antepassados. Arruda, cidreira, fogão a lenha, café, chá de funcho, bolo de fubá, brevidade e a recordação vaga de uma avó negra, baixinha e voluptuosa que sempre que aparecia tinha um sorriso franco e umas histórias engraçadas para contar.

Da avó de consideração lembrava das musiquinhas que “falavam bobagem” e que se divertiam a cantar escondidas de sua mãe quando visitava o avô. Naquele quarto onde era proibido entrar, ela via pela fresta seu avô benzendo pessoas e rezando em frente a um altar com um homem vestido de branco e cheio de colares e velas. Um misto de medo e fascinação ainda tomam conta dela quando lhe vem à mente a maneira como aquelas pessoas estranhas chegavam até a casa do avô e o reverenciavam com um respeito que, para ela era incompreensível.

Outros livros foram chegando à sua mão... Ela consumia tudo quase que imediatamente. Conhecia aquelas pessoas representadas ali. Em **Becos da Memória** reconheceu, tios, avós, primas... se reconheceu.

Em sua cabeça um turbilhão de perguntas, arrependimentos e não reconhecimentos. Por onde andavam essas escritoras negras em sua época de escola? Por que nunca lhe haviam apresentado a elas? Por que nunca havia tido curiosidade em saber sobre essa literatura? E a pergunta mais difícil de ser respondida: por que não se percebia parte desse povo preto e tão potente?

Lentes foram sendo trocadas para que então passasse a (se) enxergar. Foi assim que Conceição Evaristo chegou em sua vida. Com uma escrita potente e redentora levando-a a sair desse “não lugar” cômodo, afásico e objetificado ao qual se conformara em ter. A inquietação que tomara conta de sua cabeça passou a instigá-la, a provocá-la. A memória de seu caminho escolar mostrou que não havia em sua trajetória, o contato com nenhum tipo de escritora negra. Por onde andavam Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Sueli Carneiro, Eliana Alves Cruz e tantas outras mulheres negras, intelectuais e com uma voz capaz de conversar com a margem?

Em toda sua vida acadêmica não havia tido contato com elas. Foi a partir dos escritos de Conceição que a inquietude veio fazer morada em seus pensamentos e ela então decidiu fazer algo. Precisava pesquisar os motivos de tal alijamento e trazer aos holofotes uma fala contemplativa e que possibilitasse reflexões estilhaçadoras do arquétipo literário até então considerado pela academia.

Audre Lorde diz em seu livro **Irmã Outsider**, ao passar por uma cirurgia para retirada de um câncer, que:

Ao tomar uma obrigatória e fundamental consciência da minha mortalidade, e do que eu desejava e queria para a minha vida, por mais curta que ela pudesse ser, prioridades e omissões ganharam relevância sob uma luz impiedosa, e o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios. (2020, p.52)

O silêncio, a afasia não era mais uma opção. Por isso como objeto de pesquisa porque não refletir sobre a importância de **Becos da Memória** de Conceição Evaristo, como catalisador da representação da mulher preta na literatura que, até então vinha representada, em sua grande maioria, de uma forma objetificada e inerte. Perceber que mesmo o silêncio imposto a elas até então, foi também imposto a ela como mulher negra.

Para ela reconhecer essas mulheres e a importância delas em sua formação leva ao reconhecimento e também à descoberta de si mesma, visto que mais do que reverenciar a essas

mulheres, as recordações que se sobrepunham as letras do livro acabaram por revelar uma busca por traços de uma identidade que, mesmo sendo escondida e abafada, estava latente e pronta para desabrochar em sua mente explodindo em uma aceitação de seu próprio cabelo, corpo, origens e pele.

Assim propõe-se nessa pesquisa demonstrar que a escrita de Evaristo subverte toda uma construção posta até então pela academia através do resgate das memórias individuais e coletivas de um povo, pela fala de uma mulher negra que insurge em todo seu conhecimento e potência a fim de que, o conhecimento e a tradição sejam preservados também por meio da literatura.

No Capítulo 1 fala-se sobre a mulher Conceição Evaristo, suas origens e participação no movimento de mudança do cenário social e literário brasileiro. Discute-se a relevância da memória como teia para condução das histórias narradas por Evaristo ao trazer para o centro personagens que passavam por um processo de silenciamento em outros livros literários. Como uma *Griot*¹ ela vai através da vida dos moradores de uma favela que passam por um processo de desocupação, relatando todo um processo de diáspora sofrido por seu povo desde o início da formação daquele lugar.

Lélia Gonzales em seu texto “Racismo e Sexismo” (2018) versa sobre o fato de que, às mulheres negras é reservado papéis específicos na sociedade brasileira. Como a mulata sensual ou a que faz serviços subalternizados e que os negros são tratados como lixo e por isso não são consideradas suas vozes. Evaristo utiliza de seu lugar, mesmo que à margem, para através de sua memória e sua voz trazer para o centro, discussões importantes e relevantes que, até então eram desconsideradas pela literatura de maneira geral. O fato de ser uma mulher negra e periférica, não fez com que a autora se conformasse com o lugar imposto a ela pela sociedade.

São os relatos de Conceição Evaristo que permitem que a margem converse com a margem. Durante muito tempo o centro consumiu apenas aquilo que lhe representava e lhe interessava, conforme apontam os estudos feitos pela professora Regina Dalcasgtané(2008) retomados neste capítulo. A subalternidade designada a mulher preta é problematizada nos escritos de Gayatri Spivak(2016), Grada Kilomba(2019), Chimamanda Adichie (2019),

¹ Eles são os porta-vozes da história e cultura de regiões onde as palavras contadas criam os valores e a identidade de um povo. Respeitados pelas sociedades africanas, os griots mantêm vivos os costumes de uma época onde as memórias auditiva e visual eram os únicos recursos de que dispunham para a transmissão do conhecimento. Apesar dos avanços da escrita e da tecnologia, o papel deles não ficou obsoleto, permanece vivo. – O griot é um mediador dentro da sociedade; ele resolve conflitos e leva a calma. Ele é músico, cantor, contador de histórias, dançarino, um organizador das cerimônias sociais que utiliza a palavra como seu principal instrumento. Disponível em <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/somos-mediadores-da-sociedade-e-utilizamos-a-palavra-como-o-principal-instrumento-diz-griot>. Acesso em 23/01/21.

Djamila Ribeiro(2019), à medida que se analisa e alicerça-se a importância de a literatura ser um amplificador para as vozes pretas femininas em um cenário cada vez mais plural e representativo.

No Capítulo II aprofunda-se mais no processo de metamorfose que acontece a partir dos escritos de Conceição Evaristo. Através das “escrevivências” que permeiam as histórias do livro é que analisa-se quais são os atravessamentos e as interseccionalidades que acontecem às personagens do livro que, mesmo tão diferentes, são tão iguais em suas demandas. Ao trazer Maria-Nova, uma menina, preta, periférica para assumir o controle da escrita e, por conseguinte da fala em seu livro, a escritora permite que as mulheres representadas por ela, passem a ser sujeitos e não mais objetos de uma narrativa repleta de um contradiscurso cheio de novos significados.

Em **Becos da Memória** a mulher negra é sim protagonista de sua história e outrossim não precisa que ninguém fale por ela pois, assume a própria fala e desta forma é completamente representada em uma pluralidade de vozes a partir da protagonista. Mesmo tendo sua voz cerceada pela condição de subalternidade que até então vem sendo imposta, vale ressaltar que o problema não é que a mulher negra não fala, o problema é que a sociedade insiste em não a ouvir.

Em momentos de convergência com a narrativa, procura--se descrever situações vividas pelas personagens que, acabam por convergir com as falas de Lélia Gonzales (2018), bell hooks (2019), Neusa Santos (1983), Miriam Cristina dos Santos (2018) que, corroboram para que uma mudança epistemológica aconteça a partir de se perceber e reconhecer a fala e a escrita como atos de insubmissão, para que mulheres pretas se vejam como agentes dentro de uma esfera de próprio poder.

No Capítulo III pretende-se destrinçar as histórias postas pela autora pelo olhar de Maria-Nova em um entretecer de sentimentos e percepções que corroboram para que a luta de seu povo seja respeitada e reconhecida não mais sob a pecha da subalternidade. Em uma escrita precisa e ricamente estética ela registra o cotidiano de seu povo. Evaristo através de suas narrações propõe um novo lugar para vozes que até então, foram esquecidas e desconsideradas pela sociedade. Por isso, propõe-se analisar quais mudanças tal escrita trouxe para o novo cenário da Literatura Brasileira.

Conceição Evaristo como uma *Griot* sábia, potente e muito além de seu tempo vem sistematicamente movendo os marcos literários impostos por uma academia branca heteronormativa. A reescrita do cânone literário muito mais do que um momento, é um movimento

que coloca em xeque um rigor teórico a partir de um devir estético e politicamente engajado, capaz de reconhecer e ocupar estes lugares a partir de suas múltiplas e poderosas vozes.

Assim são os escritos de Conceição Evaristo, pujantes, porém afetuosos, estão dentro dela. E quando as palavras tomam as páginas brancas de seus livros, vão preenchendo com tanta ternura e verdade que consegue incomodar os sonos injustos dos moradores da casa-grande (EVARISTO,2017).

Entrelaçando saberes entre Conceição Evaristo, bell hooks (2019), Audre Lorde (2020), Angela Davis (2016), Neusa Santos (1983), Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba(2019), procura-se comprovar que a fala da margem, mesmo partindo de lugares diferentes do que estão postos, possibilita que as categorias impostas pela literatura sejam revisitadas.

A autora de **Becos da Memória** proporciona a descolonização no olhar da leitora, em um texto que capaz de levá-la a tornar-se crítica de seu próprio mundo por meio de uma resistência crítica e emancipadora já que, consegue se ver representada nas páginas do livro pois, se antes eram consideradas como lixo pela norma literária imposta, a partir de então como afirma Lélia Gonzales, tem o direito e a oportunidade de assumir seu lugar de fala, independente do que diga ou pense a norma literária que, a cada dia tem sido mais e mais questionada.

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALES, 2018, P. 193).

No discurso de Conceição Evaristo vê-se refletido categoricamente o fato de que, em muitos momentos, os negros não encontram saída para viver além das que já estão impostas pela sociedade. Em um espaço marginalizado, propício à violência e recheado de racismo que faz com que o silenciamento negro-feminino seja considerado por algumas pessoas como o único meio de sobrevivência.

Estabelecer categorias é retirar humanidades. Por isso ao erguer a voz e não se conformar com o processo de silenciamento que por décadas foi imposto à mulher negra, um silenciamento, um não-lugar é o que essa pesquisa procura reconhecer na escrita de Conceição Evaristo. Ao dar voz às mulheres pretas através de seus relatos, ela faz com que corpos pretos e subalternizados ocupem seus lugares de fato e de direito em um processo de visibilização e reformulação do cânone literário atual.

1 – A VOZ QUE INCOMODA A CASA GRANDE É NEGRA E FEMININA

"Antes de lerem nossos textos já fazem um pré-julgamento, ou dizem que a autoria negra é uma autoria de militância. Mas é preciso conhecer os textos. Peço muito para as pessoas que não leiam apenas minha biografia, porque ela é importante sim, porque ela contamina meu texto, mas por favor leiam meu texto" Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito, mineira de Belo Horizonte, filha de D. Joana, irmã de oito irmãos. A segunda Maria de quatro Marias da família, nasceu em 1946 em uma favela situada bem próxima a bairros de classe média. Estudando em escola pública, a diferença que havia entre as classes sociais gritava cotidianamente em sua vida tanto pela conduta dispensada a ela quanto visualmente. Num visível apartheid geográfico, ela ia crescendo ouvindo de sua mãe, depois de lavar e passar roupas das freguesas, histórias que algumas vezes, também eram registradas a lápis em cadernos, guardados pela escritora ainda hoje.

Cumpriu sua formação acadêmica nas escolas públicas de Belo Horizonte, quando se formou no antigo Curso Normal. Vinda de uma família de cozinheiras, arrumadeiras e lavadeiras das tradicionais famílias mineiras, encontrou muita dificuldade em estudar o que justifica inclusive, ter se formado aos 25 anos. Havia um ciclo de subalternidade e evidentemente os que usufruíam dele, não se conformavam em perder seu domínio sobre ele. Em depoimento a escritora conta que:

Enquanto trabalhava como doméstica e após concluir o Curso Normal, eu sonhava em dar aula em Belo Horizonte. Mas aí entra uma questão seríssima. Em 1971, não havia concurso para o magistério e, para ser contratada como professora, era necessário apadrinhamento. E as famílias tradicionais para quem nós trabalhávamos não me indicariam e nunca indicaram; não imaginavam e não queriam para mim um outro lugar a não ser aquele que “naturalmente” haviam me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia, numa casa em que eu ainda menina e já mocinha ia fazer limpeza, lavar fraldas de bebês, ajudar nas festas, entregar roupas limpas e buscar as sujas, que fez a seguinte observação: “Maria, não sei porquê você esforça tanto para a Preta estudar!” (EVARISTO, 2006, s.p.)

Então se muda para o Rio de Janeiro, passa em concurso público para o magistério e também conquista uma vaga na Universidade Federal do Rio de Janeiro no curso de Letras. Nos anos 80 Evaristo entra em contato com as atividades do Grupo Quilombhoje a partir da publicação da série Cadernos Negros. Em um momento de despertamento para a discussão dos problemas raciais com eventos e mobilizações nas principais capitais do país, sua escrita vem refletindo toda efervescência e provocação vinda das discussões, dos encontros e das vivências vão surgindo escritos que vão se acumulando pelas gavetas sem que sejam publicizados.

Ingressa no mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro fazendo a defesa de sua dissertação *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade* em 1996. Finaliza seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal

Fluminense em 2011 defendendo a tese *Poemas malungos, Cânticos irmãos* onde sua tese contempla a produção de autores africanos de língua portuguesa em paralelo à literatura afro-brasileira.

No final dos anos 1970, há uma grande efervescência das pessoas no Rio de Janeiro, assiste a fundação do IPCN, o Instituto das Pesquisas das Culturas Negras, conhece vários militantes que foram fundamentais na formação desse movimento, como Lélia Gonzales, uma das fundadoras do MNU. Em 1981, casada, tem uma filha com problemas de saúde e por precisar dar uma atenção especial a Ainá, sua menina, se afasta um pouco até mais ou menos 1987. Participa na medida em que é possível de reuniões do movimento. Na marcha do centenário da abolição, que foi chamada de Marcha de Zumbi contra o Racismo, que aconteceu na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, em 1988, o movimento negro percorreu a avenida, cercado pela polícia pelos dois lados. Conceição Evaristo e seu marido Osvaldo participam, inclusive com seu marido que carregava sua filha nas costas. Essa marcha foi crucial, inclusive havia um slogan que a gente cantava ao longo da marcha, "policial negro também é discriminado". Nós fizemos essa manifestação correndo todos os riscos.

Em 1990 publicado na edição nº 13 de *Cadernos Negros* os primeiros poemas de Conceição Evaristo incluindo um de seus mais conhecidos “*Vozes-Mulheres*”. Começa aí então uma parceria de escrita que foi firmada e segue até hoje.

Ponciá Vicêncio é seu primeiro romance publicado. Ele foi lançado em 2003 (também no exterior) e é até hoje uma de suas principais obras. Depois do romance de estreia, Conceição Evaristo lançou **Becos da Memória** (2006) e **Poemas da Recordação e Outros Movimentos** (2008). Há ainda três livros de contos: **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (Nandyala, 2011), **Olhos d'Água** (Pallas, 2014) e **Histórias de Leves Enganos e Parecenças** (Editora Malê, 2016).

A publicação de **Becos da Memória** acontece após 20 anos de sua escrita. Sobre esse processo Evaristo diz que:

Como já disse em outras ocasiões, esta narrativa nasceu em 1987/88, sendo, pois, anterior à escrita dos contos e do romance Ponciá Vicêncio. Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de escrevivência. Arrisco-me a dizer, também, que a origem da narrativa de *Becos da memória* poderia estar localizada em uma espécie de crônica, que escrevi, ainda em 1968. Naquele texto pode ser apreendida a tentativa de descrição da ambiência de uma favela. Nomeei o pequeno escrito com o título de “Samba-favela”. E o que foi apresentado como um exercício de redação à Profª Ione Correa (eu ainda estava cursando o antigo ginásio) extrapolou a sala de aula e os muros do colégio. “Samba Favela”, meses depois, apareceu publicado no Diário Católico de Belo Horizonte e em uma revista católica

do Rio Grande do Sul. Hoje, relendo aquele pequeno texto, vejo que Becos da memória, anos e anos depois, retomou e ampliou um desejo e um modo de escrita que se insinuava desde aquela época. (EVARISTO, 2017, s.p.)

Em 2017 apresentou sua candidatura à cadeira número sete da Academia Brasileira de Letras, apoiada pelos coletivos negros e de mulheres com petições online e a divulgação da #ConceiçãoEvaristoNaNaABL. Políticos, leitores, artistas, pesquisadores, influenciadores aderiram a campanha e reuniram mais de 20 mil assinaturas e mesmo assim teve sua candidatura rejeitada em favor do cineasta Cacá Diegues. Sobre tal fato a autora diz:

A ABL, como muitas instituições brasileiras, tem o perfil da sociedade brasileira. Uma sociedade que provoca suas exclusões. Acho que o mais importante é a gente se valer, as escritoras e escritores negros, desses direitos. No estatuto da Academia está colocado que a primeira exigência para participar é que seja brasileiro, todo brasileiro que tiver um livro publicado tem sua candidatura permitida. Ora, eu sou brasileira, com seis livros publicados e com publicações no estrangeiro.

Agora, neste ano, a prova do ENEM abre com trechos de meus poemas, também três livros meus passaram no edital do Programa Nacional do Livro. Então, de acordo com o Estatuto da Academia, nada me impede, como não impede vários outros escritores negros. Qualquer um de nós, homens ou mulheres, podemos participar, se candidatar. Acho que o que me era de direito eu fiz, que foi a candidatura.

Quem decide as regras do jogo são os acadêmicos. E para mim, a carta de apresentação é a obra. Eu não tive realmente tempo de falar com todos os acadêmicos, falei com pouquíssimos, não encontrei pessoalmente com nenhum, com alguns que tentei não senti muita receptividade. Mas a candidatura, como escritora brasileira, foi um direito meu como qualquer outro escritor ou escritora brasileira. Agora, as regras do jogo, eles falam, que a academia é um clube, e quem decide quem entra no clube ainda é da competência deles. Talvez julgassem por A ou por B, e não pela pessoa que deveria fazer parte desse clube, como eles mesmo falam.²

Uma pessoa forjada na dinâmica da raça, da condição social e do gênero. Pois tal forja, tornou-a capaz de gerar reflexões sobre a branquitude pelo olhar de mulher negra em uma produção que, estimula a reflexão sobre o papel que está posto à todas não somente no meio literário, mas também no meio social.

Muito mais que refletir Conceição Evaristo, utiliza a escrita/fala como maneira de enfrentamento às condições postas para seu povo. É através da língua que ela constrói um lugar legítimo no espaço literário até então reservado para uma elite branca e masculina. Ao fazer com que a narrativa fosse conduzida pelo sujeito negro e mais ainda por uma mulher negra, a autora impulsiona outras mulheres a ocuparem esse espaço em um país totalmente acostumado a objetificar o corpo e as atitudes da mulher negra.

Tudo que escrevo, tanto do ponto de vista literário, quanto [meus] ensaios e pesquisas, são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade

² Entrevista concedida ao site Brasil de Fato. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos> Acesso em 14/01/2021

brasileira. Então eu procuro trazer no meu texto personagens, homens, mulheres, crianças, ambientes, posturas de vida, acontecimentos praticamente relacionados com a minha experiência enquanto mulher negra, nesse ambiente de corpos africanos escravizados no Brasil. Há toda uma herança histórica do povo negro presente no meu texto como memória, retomando alguns fatos, ou como acontecimentos do cotidiano (EVARISTO, 2018, s.p.)³

É uma intelectual que constrói narrativas que procura romper, como afirma Elisângela Santos, com representações que “se perpetuam desde o período colonial e estão presentes em diversas instâncias de poder e configuram-se como estratégia de manutenção desses lugares” (2019, p. 60). É como se ao metamorfosear o silêncio em palavras, ela ressignificasse uma linguagem feita para agir contra o povo negro.

Não aceitar o silêncio! É sobre isso. Encontrar meios para romper com o peso do silêncio. Existem várias vertentes para isso. Audre Lorde ao falar sobre a transformação do silêncio em linguagem e ação, afirma que “Para aquelas entre nós que escrevem, é necessário esmiuçar não apenas a verdade do que dizemos, mas a verdade da própria linguagem que usamos” (2020, p.55). E assim Evaristo encontra uma maneira de rompimento linguístico, que vem cheio de sua escrevivência, a ponto de (con) fundir personagens com sua própria história: o afeto.

Conceição Evaristo traz o afeto como possibilidade política em um ato transgressor como uma intelectual de margem que tenciona o centro conferindo visibilidade às vozes femininas e incentivando-as a assumirem lugares de maneira consciente. Ao partir de sua escrevivência, da sua perspectiva, da sua experiência enfim, do seu ponto de vista surge então uma escrita intimamente ligada à vida, uma literatura viva e pulsante com um primor estético ancorado em uma vivência capaz de extrapolar eventuais limites literários.

“Na ficção, como também na escrita confessional, aqueles que compreendem o poder da voz como um gesto de rebelião e resistência incitam o explorado – o oprimido – a falar” (hooks, 2019, p.48). Ao não reduzir a mulher negra a estereótipos, respeitando a complexidade de todas elas, Evaristo proporciona que cada uma tenha a possibilidade de se encontrar em meio a suas agruras e satisfações. Com relatos afetuosos capazes de incentivar quem os lê a abrir um espaço em si, ela permite que se conheça novos mundos ou se reconheça em seu próprio mundo. Ela faz com que tal sentimento se transforme em algo revolucionador. Longe de ser um meio de condescendência com a mulher negra, ela utiliza desse movimento para, assim como suas

³ Entrevista concedida ao site Brasil de Fato. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos> Acesso em 14/01/2021

ancestrais, contar histórias que sejam capazes de estimular, ensinar, trazer de volta migrantes de seus próprios corpos e sentimentos.

1.1 A memória como construção da consciência negro-feminina em Conceição Evaristo

Do velho ao jovem

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.

Na face do jovem
o frescor da pele,
e o brilho dos olhos
são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas
de ambos, o velho tempo
funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.

O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história

Infinitas são as personagens:
Vovó Kalinda, Tia Mambene,
Primo Sendó, Ya Tipuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,
E também de Santana e de Belô
e mais e mais, outras e outros...

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
E não há quem ponha
um ponto final no rap

é preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora
Conceição Evaristo

Escrever não é uma coisa muito simples. É uma ilusão achar que a vontade de registrar o que acontece, as ideias, ou impressões ocorrem automaticamente ao sentar-se em frente a uma folha de papel em branco que aguarda plena e calmamente que registremos opiniões, impressões, poesias ou romances. bell hooks em seu texto “Intelectuais Negras” discorre sobre a dificuldade que as mulheres que escolhem trilhar o caminho do conhecimento encontram ao se verem forçadas a conciliar as demandas domésticas, que lhe são impingidas ou até mesmo

tendo que lidar com o descrédito que tal título, gera nas comunidades que pertencem e até em si mesma. É como se assumir a vida acadêmica ou literária fosse algo que estivesse fora do alcance das mulheres.

Então ao tentar se escrever sobre determinados assuntos, precisa-se considerar o que se ouve, considerar aquilo que aprendemos com a convivência de nossos pares. Muitas vezes dispomos de relatos, pesquisas, anotações; porém, em grande parte, quando quer se registrar a história de alguém ou de um povo, a memória se encarrega de trazer à tona sensações, impressões, decepções e todos os elementos necessários para que o escritor alcance seus objetivos, sejam eles a vontade de contar uma história, propagar uma ideia ou até mesmo transformar determinadas situações.

Memória, grosso modo, é a capacidade que o cérebro tem de armazenar informação; entretanto, nem todas as informações disponibilizadas ao cérebro se tornam uma memória. Segundo a mitologia grega *Mnemósine* era uma titânide que descobriu o poder que a memória tinha e, através dela, deu nome à muitos objetos e conceitos que foram usados pelos mortais para se comunicarem e, conseqüentemente, se entenderem enquanto conversavam. Etimologicamente o vocábulo *memória*, vem do latim *Memoria*, de *Memor*, que significa aquele que se lembra. O termo também originou o substantivo *mente*⁴

A partir do que se vê, do que se ouve e do que se aprende, enfim, do que se vive, é feita uma seleção dos mais relevantes ou marcantes acontecimentos. A partir desses eventos é que vão se formando as memórias. A memória é uma construção. É preciso ter em mente que ao contrário do que pensamos, existe uma certa interseccionalidade entre a memória individual e a memória coletiva, afinal em grande parte, aquilo que se classifica como memória é resultado da convivência familiar ou social de cada um de nós:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Ao repassar de pessoa a pessoa as histórias de uma comunidade, tal lembrança vai se incorporando ao imaginário coletivo e se tornando enfim patrimônio daquele local.

Para Maurice Halbwachs (1990, p. 50): “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Como em

⁴ Disponível em <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/memoria/> Acesso em 05/10/2020.

um entretecer de histórias e sensações, vai se formando a cultura de um povo. Crianças que crescem ouvindo as narrativas locais e que mesmo se, porventura saem desse lugar de origem, carregam consigo todas essas informações e por conseguinte, levam consigo também os ensinamentos que receberam repassando e ressignificando o que ouviram em um fluir carregado de suas lembranças e dos que as antecederam.

É através dos anciãos, que a transmissão dos conhecimentos ocorre, agindo concomitantemente para a coesão do grupo. Em sociedades com um menor percentual de alfabetização, essa memória é construída sobretudo pela tradição oral. Um menor acesso ao texto escrito é marca profunda de grupos marginalizados; assim, infere-se que a história do subalterno é resgatada pela tradição oral, se tornando um meio de resistência e preservação. Por isso, a memória é inerente à literatura negra, pois é através do registro oral das histórias do povo africano que se procura resgatar a identidade que o revisionismo histórico vem procurando apagar há décadas.

A construção dos relatos – e, por conseguinte, das próprias personagens – acaba misturando passado e presente. Ao mesmo tempo, o narrador entrelaça suas impressões às impressões coletivas, bebendo da fonte da memória:

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 1987, p. 221)

Conceição Evaristo tem na memória um dos principais instrumentos de construção de suas narrativas. Registrar sua história foi uma forma de se fazer entender a partir de um rompimento com as mazelas de uma vida miserável. Ainda jovem, Evaristo se via predestinada a crescer em uma comunidade pobre que passava pela violência do processo de desapropriação de suas casas. Isso acabou por desenraizar os sujeitos que lá viviam, arrancando-os de suas lembranças e vidas fragmentadas – mas que eram suas vidas. Foi pela memória que Conceição Evaristo deu corpo a sua narrativa de subalternidade feminina e negra. Através dos relatos que ouvia de seus antepassados e que ganharam forma em suas palavras e conseqüentemente em seus livros, Evaristo configurou esteticamente uma importante parte de sua obra.

A memória, para Walter Benjamin (1987, p. 210), é a mais épica de todas as faculdades, pois a partir dela tanto pode se apropriar do desenrolar da vida quanto se resignar com aquilo que não se tem poder, como, por exemplo, a morte. É a memória o fio condutor da história de Maria-Nova, protagonista de **Becos da Memória**, de Conceição Evaristo. Através dela

podemos ver o crescimento da personagem que se vê às voltas com as agruras da desocupação do lugar onde morava; através da memória acontece a valorização de sua ancestralidade, descrita nos ensinamentos das personagens mais velhas que aparecem durante toda narrativa, formando assim uma memória coletiva que estabelece uma relação da menina com sua origem negra. Logo, é despertada uma consciência de si e, conseqüentemente, do papel que duramente estava desenhado para ela e com o qual seria necessário reagir.

Pelas histórias contadas, Conceição Evaristo vai forjando suas narrativas e criando personagens que se metamorfoseiam em narradora ou escritora. Através de seus relatos, as histórias vão tomando vida pelas mãos de Maria-Nova que, posteriormente, migra daquela que ouve para aquela que escreve. É pela confluência das memórias individuais e coletivas que a protagonista vai construindo uma percepção de si, enquanto mulher negra, periférica e excluída. Essa estruturação, de certa forma, retoma ao exposto por Mirian Cristina dos Santos (2018, p. 103) ao analisar **Becos da Memória**: “a formação da personagem ocorre a partir de constantes narrativas”.

Maria-Nova se transforma, de certa maneira, quando no decorrer da narrativa percebe-se como agente responsável pela guarda e divulgação dessas memórias. Assim como seus antepassados não a deixaram esquecer de todo sofrimento e toda luta de seu povo, ela deveria fazer o mesmo pelas que viriam:

Havia muito que Bondade não contava história nenhuma para Maria-Nova. Tio Totó contava sempre alguma, Maria-Velha também. A tia contava as dela e as da irmã Joana; contudo, à medida que Maria-Nova crescia, ela ia intuindo; ia lendo as histórias nos olhos, na expressão linda e triste da mãe. A menina andava ansiosa para que Bondade lhe contasse alguma. Fatos estavam acontecendo, muitas coisas ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para entender. (EVARISTO, 2017, p. 53)

A memória acaba se tornando um caminho para que as narrativas não se percam e, assim, para que também haja uma vertente que as mulheres negras possam se identificar e não somente reproduzir os discursos dominantes prontos. Esses discursos, ao representarem a população marginalizada, de uma forma geral, segundo Kilomba (2019, p. 67), podem ser uma “ótima maneira de colonizar, isto é ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador”.

Existe uma narrativa coletiva onde Evaristo mistura sua vivência com a das pessoas que a cercam. Uma narrativa que nasce das impressões cotidianas, das lembranças e experiências de vida tanto suas quanto de seu povo. Ela mesma afirma essa peculiaridade: “Na base, no

fundamento da narrativa de **Becos** está uma vivência que foi minha e dos meus. Escrever **Becos** foi perseguir uma escrevivência” (EVARISTO, 2017, p. 11, grifo nosso).

Ao se propor narrar o cotidiano de uma menina-moça negra, pobre, moradora de uma favela, muitas dessas narrativas são feitas a partir de um ponto de vista de quem convive com pessoas acostumadas à subalternidade e por isso dor e indignação ocupam o mesmo lugar em sua rotina diária. A escrevivência assume assim todo um contorno de denúncia e resistência já que, segundo Spivak (2010, p. 85): “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. Ao dar voz a Maria Nova, Evaristo acaba por abrir caminho para que o subalterno se coloque em um lugar de visibilidade e passe a representar e ser representado na construção de uma literatura de fato mais real e transgressora.

A escrevivência de Evaristo é feita a partir da representação estética das informações que ouviu em conjunto com as situações vividas. São histórias que se (con)fundem e acabam por denunciar a situação que viviam – e de certa maneira ainda vive – a população negra brasileira sob um olhar peculiarmente feminino. Esse termo acaba por surgir para suprir a ausência de uma definição melhor na língua portuguesa, pois encerra tanto a necessidade de narrar um fato quanto a ruptura com uma condição de silenciamento da mulher negra na sociedade brasileira, conforme dito pela escritora Conceição Evaristo em entrevista concedida:

Este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. Esse imaginário traz a figura da ‘mãe preta’ contando histórias para adormecer a prole da casa-grande. E é uma figura que a literatura brasileira, principalmente no período Romântico, destaca muito. Quero rasurar essa imagem da ‘mãe preta’ contando história. A nossa ‘escrevivência’ conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da casa-grande. (LIMA, 2017, s. p.)

Registrando sua “escrevivência”, Evaristo assume seu lugar de fala, negando a subalternidade imposta às mulheres. Essa condição é amplamente mais perceptível quando se trata de mulheres negras que tem como opção quedar-se silenciosamente ou posicionarem-se contra determinadas atitudes, para que não sejam alijadas de uma sociedade que não se preocupa em ouvi-las, respeitá-las ou compreendê-las. Para a mulher negra, segundo Djamila Ribeiro (2019, p. 64): “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir”.

Tomar a fala é uma ação de exercício de poder. Algumas palavras carregam consigo todo um significado que remete a subalternidade e a subserviência inerentes às realidades que, equivocadamente, são relacionadas à pobreza, à negritude e às mulheres. O título do livro de Conceição Evaristo, **Becos da Memória**, remete, mesmo que de forma tácita, a um ambiente

com pouco espaço, secundário em relação a avenidas e ruas – quiçá periféricos ou provincianos. Afinal, beco nada mais é do que uma viela. Na atualidade, quase não se encontram becos pelas áreas nobres das cidades, a não ser aqueles que já estão postos desde o surgimento dessas.

Normalmente becos são ruas estreitas carregadas de um sentimentalismo para os que tem lembranças interioranas; de pobreza para os que vivem em ocupações; de um certo descaso para os que passam ao largo desses em suas correrias cotidianas. O fato é que dos **Becos da Memória** de Conceição Evaristo surgem as narrativas que a levam a nomear seus medos, suas vitórias e seus sentimentos. Assim, trazer a tona as narrativas ocorridas nesses espaços é considerar o beco como local capaz de incentivar a produção de conhecimento e, por isso, acaba por ser uma maneira de legar às gerações vindouras uma autorrepresentação daqueles que lá estavam, pois, como afirma Djamila Ribeiro (2019, p. 41): “Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível”.

Intencionalmente ou não, **Becos da Memória** não segue uma linearidade assim como a memória. Há um entretecer de relatos que se percebem, algumas vezes, fraturados, ou seja, descontinuados. Isso dá a impressão de se tratarem de fragmentos da memória da autora, que permitem, por sua vez, que conheçamos várias mulheres que mesmo tendo a condição financeira, a localização geográfica e até mesmo a cor que as une, também têm diferentes atitudes mediante as situações que se apresentam a elas.

Em alguns momentos tem-se a impressão de que há relatos com denúncias veladas de violências contra as mulheres, sem que elas denunciem seus parceiros. Há também o registro de situações vexatórias, revoltantes, que explicitam um certo código de conduta moral específico daquele lugar, e que, por consequência, vão gerando em Maria-Nova um certo inconformismo com essa subalternidade:

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é pra isto mesmo. Mulher é pra tudo. Mulher é pra gente bater, mulher é pra apanhar, mulher é pra gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 2006, p. 76)

Para Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 27) “é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa”. Percebe-se em **Becos da Memória** esse envolvimento, pois um universo multifacetado de sedimentação de uma memória coletiva leva a personagem a sair da margem em que as mulheres negras são tradicionalmente relegadas e vir para o centro, a fim de assumir seu lugar

de fala através da escrita. O tornar-se sujeito perpassa por todo um constructo da personagem que enxerga na literatura um espaço de resistência e, por conseguinte, questionamento do espaço ocupado pela mulher negra naquela sociedade.

É através da narrativa que existe uma ascensão do corpo negro-feminino como proposta de politização, quebra de paradigmas e desigualdades. Pelo aspecto da memória, constrói-se caminhos de resistência e insubordinação. A partir de um legado deixado por homens e mulheres arrancados de seu país de origem para serem feitos escravos e terem suas raízes apagadas ou diminuídas, Maria-Nova pode se colocar como uma voz que denuncia essa relação de poder. A memória, portanto, é um meio para exercer o resgate de uma população marginalizada secularmente, uma vez que, nas palavras de Bergson (1999), é essa faculdade a responsável por (re)avaliar o presente:

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples ‘signos’ destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. (BERGSON, 1999, p. 33)

Pode-se percorrer os caminhos estreitos, reveladores de uma subalternidade, de todas as personagens femininas em **Becos da Memória**. Esses caminhos, por seu turno, se articulam às ideias de Maria-Nova, de suas observações diárias, alinhadas a uma subjetividade oriunda das memórias que ela ouviu em relatos ou da sua própria percepção.

Em seus relatos a autora busca alcançar tanto sua fala quanto a daqueles que a cercam e, por isso, eventuais lacunas que surjam nesses relatos, são preenchidas por experiências que passou ou passaram os que na favela viviam: “Tenho dito que **Becos da Memória** é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, p. 11, grifo nosso). Em sendo assim, tais narrativas têm papel fundamental no sentido de estabelecer uma dialética com o mundo que a cerca, já que permitem a ela sair de um “não lugar” e passam a ressignificar sua existência, ao fazer do registro dessas memórias, armas para a luta que enfrenta cotidianamente contra uma sociedade institucionalmente misógina e racista.

1.2 Becos da Memória: um manifesto da autorrepresentação negro-feminina

“...Escreverei com um corisco
o fogo das emoções
as verdades de hoje

A literatura vem sendo ao longo dos tempos, uma das mais eficazes e inabaláveis formas de se contar histórias, registrar posicionamentos, criar e recriar situações, enfim, vem sendo utilizada para levar o conhecimento através das gerações. Seja através de uma narrativa ficcional ou não, a partir de tais relatos podemos compreender a sociedade da época com suas diversas nuances e seus comportamentos.

A literatura é produtora de discursos que contrapõem e fortalecem os valores sociais que estão postos e, por isso, seria capaz de modificar a condição humana e possibilitaria que variadas vozes fossem ouvidas e reconhecidas. Assim, aquele que sempre foi relegado ao papel de figurante poderia ser o protagonista, afinal “é através do texto literário que se realiza a sua transmutação para sujeito” (BERND, 1992, p. 270). Entretanto, ao examinar o cânone da literatura do nosso país, é perceptível a ausência de escritores afro-brasileiros, que seguem à margem da divulgação e utilização de suas obras, seja no espaço escolar, no acadêmico, seja no circuito literário de grandes livrarias. Parece haver um menoscabo – porque não dizer um desprezo – por essas obras. É como se o fazer literário fosse algo exclusivo de determinadas classes e etnias.

A literatura de autoria negra, mesmo com a tentativa de silenciamento e tendo ainda um caminho longo a trilhar a fim de ser reconhecida em todo contexto literário atual, cada vez ganha mais espaço nos estudos literários. O movimento da literatura negra no Brasil vem acompanhado não só de relatos de um povo que foi esquecido pela classe dominante, mas surge também como resistência, em um movimento crescente de recuperação e valorização da identidade do povo negro após tantos anos de colonização escravagista.

Garantindo a oportunidade de se contrapor ao cânone literário vigente, a literatura negra emerge abarrotada de experiências e relatos de sujeitos subalternizados, seja em sua vivência cotidiana, na sua língua, nas religiões de matrizes afro-brasileiras, ou nas impressões sobre os fatos. Conceição Evaristo, corrobora essa vinculação entre a experiência desses sujeitos e o fazer literário: “[...] o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma ‘subjatividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto” (EVARISTO, 2009, p. 18).

A literatura, enquanto arte da palavra, pode alcançar um número expressivo de pessoas, independentemente de onde elas se encontrem. A literatura pode ser atemporal e possuir

vinculações a diversos valores, visto que a utilização das palavras é algo permitido a todos os que quiserem fazê-lo, desde que letradas literariamente. Com afirma Antônio Cândido (1995, p.188) “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”.

Todavia, o que se percebe é que, por muito tempo, ela foi apenas instrumento de propagação de ideologias e convenções de um público restrito. Reverberando um certo racismo estrutural⁵, há uma sedição no que concerne ao silenciamento imposto até então à literatura negra:

A Literatura Negra Brasileira contemporânea contraria frontalmente este consórcio. O texto literário se caracteriza pela ousadia no tempo. E a Literatura Brasileira torna-se Negra exatamente porque até o presente foi, silenciosamente, de forma abusiva, branca, em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço. (SILVA, 2012, s. p.)⁶

Mesmo que atualmente haja de alguma maneira, uma efervescência relacionada à literatura negra e, também à literatura negro-feminina, tal movimento vem acontecendo como resultado de uma “gestação” iniciada a um longo tempo atrás, através dos escritos de Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus dentre tantos outros escritores e escritoras que passaram ao largo dos movimentos literários mas que fizeram uma produção fremente e transformadora, cujos reflexos são percebidos na tradição literária, nas discussões e pertinência das falas acadêmicas ou não e que estão cada vez mais presentes em espaços antes tão historicamente brancos.

Ao escrever “Úrsula”, publicado originalmente em 1859, Maria Firmina dos Reis traz à baila não somente a cruel realidade da escravidão como também rompe com os paradigmas sociais impostos até então, já que era uma mulher negra que escrevia, com maestria e sensibilidade, uma obra literária que de fato não deixa nada a desejar às que foram escritas

⁵ De acordo com Carl E. James (1996, p. 27, tradução nossa) Racismo Estrutural “refere-se a desigualdades, enraizadas na maneira em que a sociedade opera, que excluem números substanciais de pessoas de grupos raciais específicos de acessarem e participarem de importantes instituições sociais”. Porém, na atualidade, tal asserção está sendo bastante discutido pelos trabalhos do filósofo Silvio Almeida. Em sua obra “Racismo estrutural”, o estudioso assim define esse conceito: “A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social e contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 20).

⁶ Luiz Silva, conhecido pelo pseudônimo de Cuti, é um escritor, poeta e dramaturgo brasileiro. Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo em 1980, obteve os títulos de mestre em Teoria da Literatura e doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp.

coetaneamente, elevadas ao patamar de cânone literário por serem obras de autores homens e brancos.

Regina Dalcastagnè coordenou uma pesquisa divulgada em 2008 que analisou 258 romances brasileiros, publicados entre 1993 e 2008, pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco, reconhecidamente pelo público acadêmico e leitor, bem como pelo mercado em geral como os maiores centros editoriais do país. Essa investigação procurou refletir sobre qual tipo de literatura estaria sendo proposta para os leitores; que tipos de personagens e quais modelos de sociedade estavam sendo retratados e, a partir dessa análise, constatou-se que a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 90).

De acordo com Dalcastagnè (2008), em um universo de 1245 personagens, apenas 7,9% são negras, ou seja, 98. Dentre essas personagens negras, são protagonistas negras masculinas, 17; protagonistas negras femininas, 3. No cômputo geral, apenas 20, das 1245 protagonistas, o equivale a 1,6%, são negras; considerando também a condição de mulher, esse número cai para inexpressivos 0,24%. Na verdade, a pesquisa acaba por quantificar aquilo que muitas vezes passa despercebido pelas pessoas e que de uma forma muito sutil vai sendo internalizado e assim, levando a uma aceitação do inaceitável: a narrativa feminina negra é praticamente inexistente na literatura brasileira até 2008.

O próprio livro, objeto de estudo dessa dissertação, pode demonstrar a dificuldade encontrada para se publicar um romance que tem como enredo homens e mulheres negros e periféricos. **Becos da Memória** foi escrito em meados de 1987/1988, antes de outro livro da escritora chamado **Ponciá Vicêncio**, porém, só foi publicado depois deste último. Becos seria publicado pela Fundação Palmares/Minc como parte das comemorações do Centenário da Abolição, porém, tal projeto não foi levado adiante, sem que houvesse algum posicionamento oficial levando a escritora a acreditar que tal fato tenha acontecido por falta de verbas. Então depois de várias tentativas frustradas de publicação, ele foi desengavetado a partir de uma proposta de publicação da mesma instituição, porém em uma outra gestão. Porém, segundo a autora “acostumado ao abandono” ele continuou engavetado sendo publicado quase 20 anos depois de escrito em 2006.

A constatação de que não existem personagens que representem realmente a realidade da grande maioria da população brasileira, uma vez que negros e pardos somam a maior parte do quantitativo populacional da nação, segundo Censo realizado em 2018, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é definitivamente quantificada em tal pesquisa ao ponto de se chegar à conclusão de que a literatura: “Tal como outras formas de expressão, ela

apenas manifesta uma discriminação que permeia toda a nossa estrutura social” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 97).

Escrever é uma arte que envolve em sua grande maioria muito mais transpiração do que inspiração, porém é preciso perceber que para além de todo tecnicismo envolvido no processo de escrita, assim como o pintor, o músico, o dançarino carecem de modelos para seguir, precisam de alguém que inspire ou influencie suas escolhas, os escritores também necessitam de se sentirem capazes de construir suas próprias narrativas a partir de um lugar que lhes seja familiar, de uma realidade que consigam se ver e perceber enquanto sujeitos pensantes, formadores de opinião e por conseguinte produtores de discursos reais e representativos de sua negritude já que “não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social ocupado por certos grupos restringe oportunidades” (RIBEIRO, 2019, p. 60).

Para Regina Dalcastagnè suprimir personagens negras dos livros literários é reflexo de uma condição marginalizada no campo literário que chancela todo um preconceito racial arraigado há centenas de anos: “Por isso, a ausência de personagens negras na literatura não é apenas um problema político, mas também um problema estético, uma vez que implica na redução da gama de possibilidades de representação” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 97).

Se não existem modelos que representem a todas as pessoas, independentemente de sua raça, credo ou gênero, como então fazer da literatura um espaço democrático e que de fato, carregue consigo uma produção negra capaz de potencializar o sentimento de pertença em uma pessoa? A representação literária de grupos subalternizados precisa efetivamente fazer parte das discussões acadêmicas e literárias. Reconhecer a escrita como contradiscurso possibilita que a identidade negro-feminina seja resgatada e potencializada.

Dar concretude e existência a uma personagem não é tarefa fácil, especialmente quando a tradição literária não está disponível como recurso, ou seja, quando nossa poesia, nossos contos e romances não trazem modelos suficientemente ricos que possam servir de inspiração. (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 97)

Para Cuti, o leitor negro é um ser praticamente invisível na relação autor/leitor e texto no que concerne à literatura brasileira, e sua experiência pode ser comparada quase que a uma posição *voyeurista*, uma vez que seu contato com essas narrativas, durante muito tempo, acontecia como quem estivesse ouvindo uma conversa entre brancos atrás da porta, do lado de fora (SILVA, 2012). É como se fosse proibido às pessoas negras serem parte de uma narrativa, terem prazer em ler ou frequentar espaços acadêmicos restritos a uma minoria que insistem em legitimar opressões através de um verniz literário.

Desculpa, meu amigo,

Eu nada te posso dar;
 Na terra que rege o branco
 Nos privam té de pensar!... (GAMA, 1859, p. 33)⁷

Para as mulheres negras, durante muito tempo, a literatura foi algo inalcançável, pois se viam relegadas a papéis secundários de acordo com a sociedade sexista e patriarcal que as impedia de transitar por essa seara. Ainda que seja como escritora ou personagem, o ser mulher negra vem carregado de pressuposições e “amarras” que estão sendo quebradas a partir de novas narrativas construídas constante, gradativa e bravamente.

Não é que não exista ou que seja escassa a produção feminina. Mesmo sendo uma escrita fremente e constante, vem sendo empreendido todo um esforço em favor de uma rasura do cânone literário vigente, no que concerne à escrita de autoria feminina e principalmente à escrita negro-feminina. Mulheres historicamente não são ouvidas, muito menos mulheres negras:

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura e mesmo em nós. (KILÔMBA, 2019, p. 51)

Há que se pensar na literatura como meio de levar adiante um contradiscurso que venha trabalhando a autonomia da mulher negra e que, em grande parte, é estereotipada por outras vozes. Alguém que vem tendo suas opiniões, percepções e sentimentos narrados por quem não conhece realmente a realidade que está relatando a ponto de romantizá-la, desprezá-la ou até mesmo apagá-la por não a ver como ser humano pensante e relevante.

A mulher negra na literatura brasileira quase sempre foi retratada de forma simplista e até mesmo pejorativa. Em sua grande maioria quando aparecem, são vistas com certo apelo sexual já que vêm caracterizadas como sedutoras, belas, saudáveis, fortes, aquelas que levam o homem a pecar, que geram filhos bastardos. Nunca aparecem como mocinhas, protagonistas ou alguém que pense, sinta ou tenha algo a dizer sobre determinadas situações. É vista simplesmente como corpo procriador ou corpo objeto de desejo em uma construção unilateral e simplista.

À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. (EVARISTO, 2009, p. 23-24)

⁷ Luís Gonzaga Pinto da Gama foi um abolicionista, orador, jornalista, escritor brasileiro e o Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil.

É preciso observar que para a mulher negra há uma barreira a mais a ser transposta. Muito além das próprias dificuldades sofridas por todas as mulheres, no que tange ao acúmulo de funções em casa e no trabalho, a desvalorização de sua mão de obra em comparação à masculina, as inseguranças em equilibrar as relações sejam elas familiares, profissionais ou amorosas, às mulheres negras também há algo perfidamente acrescentado nesse elenco desumano, afinal, além de não serem homens, fato que para alguns já as inferioriza, não são brancas. Enfim são julgadas por serem mulheres e negras.

As mulheres brancas têm um status oscilante, como o eu e como a ‘Outra’ dos homens brancos porque elas são brancas, mas não homens. Os homens negros servem como oponentes para os homens brancos, bem como competidores em potencial por mulheres brancas, porque são homens, mas não são brancos. As mulheres negras, no entanto, não são brancas nem homens e servem, assim, como a ‘Outra’ da alteridade. (KILOMBA, 2019, p. 191)

Enxergar-se nas linhas de um livro acaba por legitimar às mulheres negras seu lugar de existência, pois elas percebem que são sujeitos de sua própria história e não somente objetos relegados à margem de suas próprias narrativas. A despeito de todo empenho, ainda existem resquícios de uma dominação colonial que submete as mulheres negras a papéis de subalternidade, que precisam ser rompidos a partir de uma narrativa consciente e efetivamente representativa.

Ao escrever sobre a perspectiva feminina, Conceição Evaristo vem de forma consistente rasurar o cânone literário vigente, tendo em vista que proporciona um novo olhar sobre as relações já impostas, levando a uma quebra de um padrão e a uma nova marcação.

Conceição Evaristo em uma entrevista ao Nexo Jornal, ao ser questionada sobre o fato de ter sido chamada de “a canônica das margens” comenta:

Acho que é muito mais uma expressão irônica, até para fazer quem define esse cânone pensar: a margem cria os seus modelos, a gente também sobrevive, vive sem estar atrelada a esse modelo que os canônicos querem nos impor. Nós criamos os nossos modelos a partir das nossas experiências. Temos também nossos paradigmas, que não são necessariamente aqueles que querem nos impor. Embora eu também ache que todo paradigma tem que ser pensado como suspeito: não se é obrigado a acompanhar uma norma. (EVARISTO, 2017, s. p.)

A partir da escrita negro-feminina é possível ver tais relatos como o momento que se pode perceber a literatura como produtora de um contradiscurso recheado de atos históricos e insubmissos. Além disso, como alerta Patricia Hill Collins em seu artigo “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”, essa escrita é de suma importância para que as mulheres negras problematizem o lugar que a elas foi relegado e

o veja como uma forma de desenvolverem teorias e pensamentos com os quais reflitam diferentes olhares e perspectivas (COLLINS, 2016, p. 101).

A ocupação desse espaço literário está acontecendo na medida em que discursos e posicionamentos vão sendo ressignificados pelas vozes das personagens literárias. Conforme têm suas vidas narradas, tornam-se condutoras da saída dessas mulheres de um “não lugar” imposto a elas, visto que, como afirma Evaristo: “Nenhuma porta nos é aberta por oferecimento. Todos os lugares em que estamos têm a ver com as nossas demandas” (LIMA, 2017, s. p.).

É mister que se reconheça que tal ocupação, mesmo que lentamente, esteja acontecendo. Isso se deve, também de certa maneira, pela urgência daqueles que até agora vinham ditando a dinâmica desse universo acadêmico e literário; esses sujeitos têm percebido que atender ao público negro e àqueles vinculados às causas de combate ao racismo, consumidores em potencial dessa literatura, pode gerar lucros. Outra questão envolvida, é também relatada no Programa Roda Vida pela filósofa Djamila Ribeiro. Ela comenta sobre o fato desse êxito da literatura negra, ser decorrente da necessidade de se preencher uma lacuna que precisava ser respondida pelos próprios leitores dessa literatura. É óbvio que escritoras com a qualidade estética de Conceição, Carolina de Jesus, Eliana Alves Cruz fazem com que o ambiente acadêmico se veja em meio a uma revolução que começa a subverter o *locus* literário até então posto e defendido por um público privilegiado e branco.

Existe uma pauta que vem sendo posta por pessoas que até então eram subalternizadas e que certamente não aceitarão mais o lugar que a elas fora designado. Conceição Evaristo ao ser entrevistada pelo Jornal BBC, fala abertamente sobre tal fato:

Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos? Enquanto você vê outras expoentes na literatura que às vezes são meninas com idade para serem minhas netas, mas como vêm de um grupo social diferenciado do meu, são mais jovens, são brancas, têm sua competência logo revelada? Por que a minha competência está sendo tão tardiamente reconhecida? (EVARISTO, 2018, s. p.)

Entende-se que existe uma categorização literária, entretanto, é necessário perceber quais critérios são utilizados para tal e se questionar sobre o que leva pessoas negras a terem suas produções desconsideradas. É uma situação fremente o aporte social que está a cada dia ganhando espaço nas academias e, por conseguinte, o espaço literário. Contudo, essa democratização é ainda muito débil, pois não contempla a multiplicidade dos sujeitos subalternizados em seus contextos periféricos.

Assim sendo, em **Becos da Memória**⁸ a presença farta de personagens femininas corrobora para sedimentar o lugar de fala dessas vozes que frequentemente vinham até então sendo desprezadas pela sociedade em um processo de tomada de consciência de sua história, seus direitos e suas percepções silenciadas por um sistema cruel e opressor.

As diversas vozes femininas podem ser encontradas nos escritos de Conceição Evaristo como a consolidação de um ato estético e politicamente engajado que procura problematizar a realidade negro-feminina. Através do olhar de Maria-Nova que os relatos de violência, dor, sofrimento e descaso vão assumindo um caráter de problematização dessas relações a ponto de estimularem as pessoas a assumirem um protagonismo potente e transformador, já que, como afirma Djamila Ribeiro (2019, p. 64): “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”.

O narrar em **Becos da Memória** vem permeado de uma escrita capaz de produzir discursos que reforçam uma autoria negra passível de reposicionar sua história. Escrever sua vivência é divergir de todas as representações que até então eram percebidas como únicas e, assim, assumir a literatura como meio de luta contra-hegemônica a fim de que haja uma restauração da negritude enquanto potencialização de espaços de poder.

Ao dar voz ao feminino, Evaristo não só relata situações cotidianas como também possibilita um novo olhar a um sujeito mulher que até então fora estereotipado por outras vozes que não eram legítimas e tão pouco verossímeis. Maria-Nova utiliza de suas impressões para tirar do anonimato situações tão comuns às mulheres negras, e assim possibilita a compreensão dessas identidades, como afirma Mirian Cristina dos Santos:

Além disso, a narradora faz da escrita uma ferramenta subversiva, saindo de um lugar de gênero e etnia predeterminado às mulheres negras – domésticas, faxineiras e diaristas – e ocupa um lugar considerado como de detentora do ‘saber’, ou seja, se estabelece como uma mulher letrada. (SANTOS, 2018, p. 111)

A multiplicidade de vozes femininas presente em **Becos da Memória** possibilita que a autorrepresentação seja ampla, pois encontra-se uma diversidade de mulheres facilmente relacionadas com alguém conhecido ou até mesmo com a própria leitora. São mulheres comuns, mulheres reais que lutam contra o silenciamento feminino, imbricado de nuances de gênero, credo, raça e classe que fazem do espaço literário um meio de luta e transformação social:

⁸ O livro **Becos da Memória**, analisada nesta dissertação, é a 3ª edição lançada pela Pallas Editora em 2017. A obra teve a sua 1ª edição publicada em 2006 pela Mazza Editora, 2ª edição em 2013 pela Editora Mulheres. Em 2016 ganhou tradução em francês pela editora Anacoana.

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher negra, pobre’ como um item respeitoso na lista de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio. (SPIVAK, 2010, p. 126)

Maria-Nova fala em nome de um grupo marginalizado em um contradiscurso repleto de legitimação e significados. Ela é a representante dessas vozes já que, como moradora do lugar, pode relatar o que acontece, pois é capaz de enxergar por uma perspectiva interna os conflitos, as soluções e certamente resgatar e registrar a memória e a história dessas mulheres que até então eram desprezadas.

O que se percebe, portanto, é que Maria-Nova ocupa um lugar de fala em consonância com os dilemas enfrentados por todos que lá estão. Nota-se, assim, uma validação desse sujeito e seus embates diários pela sobrevivência. É alguém que não pode ser considerada estranha ao lugar e as situações pois tem consciência de quem é e onde vive e se desloca seguramente de um papel a outro, ou seja, de coadjuvante a protagonista de sua própria história. Essa movimentação exemplifica a ideia de simbiose entre o sujeito que fala e o lugar que ocupa naquela sociedade, corroborando, assim, a afirmação de Rosane Borges: “Saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo, sexismo” (2017, s. p.).

É através de sua voz que outras vozes podem ser ouvidas. Em relatos diluídos no enredo principal pode-se encontrar diversas “vozes-mulheres”. Encontram-se a prostituta, a doméstica, a louca, a doente, a agredida, a trabalhadora, a sonhadora, a velha, a nova, que a despeito de todas as diferenças que as separam tem em comum a subalternidade crua que as une em um mesmo patamar de objetificação feminina.

Conceição Evaristo possibilita em suas obras que vozes, até então silenciadas, e porque não dizer desprezadas, ganhem relevância e uma consistência tão pungente e transformadora, que proporcionam a abertura de novos caminhos para as que estão vindo. É através do resgate dessas narrativas femininas que o desejo de liberdade e de mudança pode ser alicerçado, a fim de que tais mulheres se percebam enquanto sujeitos negros, transformadoras e autônomas.

2. “ESCREVIVÊNCIA” ... PARTICULARIDADE DE UMA... COTIDIANO DE TODAS

“...E quando de mim uma lágrima se faz mais rápido do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas,

mas quase que me pertencem, na medida em que, à vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas”.

Conceição Evaristo

Dentro da Língua Portuguesa há um processo linguístico relacionado à formação das palavras chamado de composição. A partir de dois ou mais vocábulos outros são geradas, outros significados vão sendo construídos. É o que ocorre com o termo “Escrevivência”, criado por Conceição Evaristo com o intento de explicar como elaborou uma escrita tão repleta de dores e afetividades, uma escrita com uma identidade tão latente e (con)fundida com o cotidiano negro-feminino. Assim o significado do termo é composto muito mais do que aquele fundamentado pela epistemologia, e passa a ser lido como também sentido.

E é na ausência de um vocábulo que pudesse extrapolar simplesmente a escrita, um meio de validar toda carga afirmativa que ela carrega, que escrevivência apareceu. Um neologismo capaz de assumir diferentes significados a depender de quem o utilize. Etimologicamente poderia se dizer que é um substantivo formado por justaposição das palavras escrever e viver, ou seja, escrever o que se vive ou o que se viveu; porém, semanticamente passou a deter um poder capaz de oferecer às mulheres negras um ponto de partida para suas narrativas pelos olhares das personagens retratadas nos livros de Evaristo.

Escrevivência é a narrativa de várias vozes condensadas em uma só. Através dela, Conceição Evaristo, em **Becos da Memória**, representa uma diversidade de mulheres negras que, mesmo com suas especificidades e preferências, compartilham o mesmo tronco; podem até ser fruto de galhos diversos, todavia têm uma gênese comum, e conseqüentemente, o mesmo processo de não-lugar, fazendo com que elas ganhem potência em um contradiscurso repleto de significados e resistências, como afirma a própria escritora:

A nossa ‘escrevivência’ conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2017, s. p.)

Ao narrar experiências, as histórias que ouviu e até mesmo as que viram, as narradoras de Evaristo se propõem a estar pelas outras, ou seja, falar como parte de um grupo, como uma mulher negra e periférica. Autenticar essa realidade é conferir à margem uma potência efetiva e contínua, pois questiona a subalternidade feminina a partir do momento em que confere voz às mulheres negras que pouco ou nada são ouvidas.

Na base, no fundamento da narrativa de **Becos** está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever **Becos** foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a

primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. (EVARISTO, 2017, p. 12, grifo nosso)

A despeito de tudo o que se tem feito ou visto em nível de luta e reflexão do movimento negro-feminino, há quem ainda ache que grupos subalternos sejam incapazes de falar; que precisam ser legitimados por uma voz cumpridora de um padrão hétero cis normativo para serem de fato ouvidas. Grada Kilomba (2019), no entanto afirma que tal desconhecimento não se dá por falta de engajamento ou desinteresse da comunidade negra, mas pelo processo violento de silenciamento e subalternização a que tem sido submetida:

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura e mesmo em nós. (KILOMBA, 2019, p. 51)

Existe em **Becos da Memória** uma diversidade feminina que faz com que as leitoras se sintam familiarizadas com as narrativas ali relatadas. Mesmo que tais personagens femininas vivam situações diferentes, elas acabam por partir de lugares semelhantes, já que compartilham a mesma afasia herdada de um processo colonizador que continua a fazer seus escravos ainda hoje.

A conquista desse lugar de fala negro-feminino, através das personagens, possibilita a criação de rupturas que questionam a hegemonia estética e literária, com cenários, situações e desfechos impossíveis de serem vistos anteriormente em livros literários. São relatos chamados por Evaristo (2017, p. 10) como narrativas ficcionalizadas na apresentação de **Becos da Memória**, vindas em uma onda de memórias que, assim como as ondas ao se quebrarem na praia, o fazem de maneira desigual, e vieram até a autora também com lacunas, as quais foram preenchidas com sua imaginação.

Isso de forma alguma faz com que sejam inverossímeis essas histórias. Ao contrário, permite que o partilhar de parencas e sentimentos diaspóricos façam destes relatos atos de insubmissão e potencialização das vozes negro-femininas, como afirma a autora de Ponciá Vicêncio:

Quanto à parencas de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma escrevivência pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2017, p. 12)

Outrossim, a pungência da voz de Maria-Nova se dá também pelo fato de Evaristo ser uma representante legítima dessa multiplicidade vocal posto que, como mulher negra e também periférica, conhece(u) e vive(u) situações que podem ser percebidas somente por estas

mulheres. Como presa em um fio tecido de pessoa a pessoa, carregado de ancestralidade, é capaz de resgatar e inscrever na memória negro-feminina, situações e opiniões que somente poderiam ser dadas com a lucidez de quem tem uma perspectiva de dentro, afinal além do *locus* feminino, é também parte do *locus* negro e por conseguinte de um espaço geográfico outremizado midiaticamente já que ao se dizer que se faz parte da favela, automaticamente para a grande maioria das pessoas, surge em seu imaginário figuras de pobreza, descaso e de um lugar completamente impossível de ser produtor de conhecimento e cultura.

Conceição Evaristo, em **Becos da Memória**, deixa claro quais vozes pretende potencializar; quem são aqueles que pretende através de sua história romper com o postulado de silêncio imposto e que permite à branquitude se considerar superior às outras raças:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela. (EVARISTO, 2017, p. 17)

Sendo assim, Evaristo cria através de seus personagens muitas vozes que carregam consigo dramas comuns ao ser mulher, contudo, uma feminilidade com suas agruras potencializadas por sua cor e condição financeira. Há vários problemas relacionados à maternidade que chega mesmo a serem apresentados de forma crua, muito próxima à realidade daquelas mulheres. Um desses problemas está relacionado à gravidez e ao parto.

Ao contar a história de Nega Tuína, Maria-Nova relata a falta de condições das mulheres da favela de terem um acompanhamento médico adequado, seja durante a gravidez ou no parto. Segundo Tio Totó, a mulher, grávida de gêmeos, enfrentou complicações durante o nascimento dos filhos que não puderam ser resolvidas pela parteira Vó Rita, levando Nega Tuína a sucumbir sem nem mesmo conhecer seus bebês:

Dava para ver que Nega Tuína estava quase-quase. O sangue não fazia pausa. Os meninos também. Choravam com fome e, quem sabe, frio. Eles queriam o calor da mãe. Eu, atarantado, sabia o que ia acontecer. Já esperava o fim. Nega Tuína, já meses antes, andava me preparando para aquilo. Ela estava calma, muito calma. Parecia alguém que já tivesse resolvido tudo. Eu que suava frio, sentia um enorme aperto no peito. (EVARISTO, 2017, p. 134)

O relato de mulheres que resolveram não acatar a maternidade por opção também é registrado por Evaristo (2017). Sejam as que não queriam ser mães e assumiram as rédeas do

próprio destino, delegando sem culpa e com clareza a criação do filho ao pai, como fez Dora. Mulher que assumiu sua sexualidade e sensualidade sem nenhum tipo de questionamento ou vergonha e que, ao se descobrir grávida, mesmo tendo proposta de casamento, optou por seguir livre e sem filhos:

Dora não queria nada, nem casar, nem ter filhos, nem a barriga. Dora não queria nada. Deitou aquele dia e deitava sempre, apenas querendo o prazer. Entregou o menino ao homem e saiu daquela casa. Continuou a vida, era feliz. Era feliz sempre que podia. Ela sempre podia ser feliz. (EVARISTO, 2017, p. 93)

Outro problema feminino está relacionado ao fato das mães que assumem a responsabilidade total de suas casas, pela ausência de seus companheiros. Essas mulheres acumulam as funções de educar, prover e sobreviver. O que hoje muitos chamam de mãe-solo é retratado na história de Ditinha. Mãe de três filhos, responsável também por sustentar sua irmã e seu pai paralítico, empregada doméstica, morava em um barraco em frente a uma fossa e tinha total ciência do que custaria mais uma boca para sustentar.

Como sabia que Vó Rita nunca a ajudaria a abortar, procura outra parteira que ao fazer o procedimento, causa o aborto e também quase leva Ditinha a morte:

Maria Cosme não era escrupulosa como Vó Rita. Maria Cosme enfiou uma sonda por dentro de Ditinha. A sonda ficou lá dentro quase dez dias, até que numa manhã ela começou a sangrar. Sangrou tanto que foi parar no hospital. Os médicos queriam que ela dissesse o nome da ‘fazadeira de anjinhos’. Ela não disse mesmo; pelo contrário, se preciso fosse, se pudesse até esconder Maria Cosme, ela esconderia. Tiveram que retirar o útero e o ovário de Ditinha. Ela respirou aliviada, pelo menos não criaria barriga mais nunca. (EVARISTO, 2017, p. 103)

Conceição Evaristo em uma *live* realiza em seu perfil de uma rede social, comentando sobre **Becos da Memória**, alerta do perigo de considerar suas histórias como uma apologia ao sofrimento e à pobreza (EVARISTO, 2020). As histórias registradas através da voz de Maria-Nova são resultado de observações que a levaram a sentir o sofrimento dessas mulheres como se fora seus e assim, poder se desfazer dessa angústia através do processo de escrita. Por essa razão são retratadas também histórias de mulheres que trabalhavam em condições de subalternidade e exploração como a própria Ditinha e também Filó Gazogênia. Essa última, para que a filha pudesse trabalhar, acumulava o ofício de lavadeira com o de babá da própria neta. Para algumas mulheres do livro **Becos da Memória**, esse tipo de trabalho é meio de sobrevivência, alternativa única para sua subsistência e da família:

Quando Maria-Velha chegou à favela, os barracos eram vizinhos, mas esparsos um do outro. Ela chegara com algum dinheiro, que, com Joana e Tatão, conseguira economizar lá na roça. Compraram um quartinho e se puseram a tocar a vida. [...] Maria-Velha e Joana encontraram no fogão, no tanque e nas casas de patroas modos

de sobrevivência. Aos poucos foram se acostumando com as coisas da cidade. (EVARISTO, 2017, p. 143)

Como não poderia deixar de acontecer, a violência é também parte do relato da realidade de algumas mulheres da favela. Seja a sofrida por seus homens, sejam como maridos, namorados ou pais, seja também por outras mulheres que, mesmo compartilhando do mesmo sexo, não se enxergam como a uma igual.

Custódia, esposa de Tonho, sofre um aborto após apanhar desmesuradamente de sua sogra religiosa, que se aproveita de uma noite em que seu filho chega alcoolizado e espanca sua nora: “Custódia apanhava da sogra que gritava como se fosse Tonho o agressor. Ele nada percebia. No outro dia, Custódia não se levantou de dor. À tarde, pariu uma menina morta” (EVARISTO, 2017, p. 84).

Talvez o caso mais emblemático seja o da menina Fuizinha e sua mãe, constantemente surradas por Fuinha, um marido desumano e cruel:

Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. Diz que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem. (EVARISTO, 2017, p. 78)

Em uma dessas surras, Fuinha acaba por matar sua esposa, deixando a filha desamparada e passando a abusar sexualmente dela. Como se fosse dono do destino das mulheres que faziam parte de sua vida, Fuinha enxerga nelas corpos vazios de pensamento e vontades. Pensa na mulher como objeto e por isso pode fazer ou desfazer delas da maneira como lhe aprouver: “Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo” (EVARISTO, 2017, p. 79).

A objetificação do corpo feminino é retratada também ao se contar a história de Cidinha-Cidoca, mulher que enlouquecera, mas, durante seus anos de lucidez, foi considerada a alegria da favela; a representação de noites de prazer. Em sua loucura silenciosa e totalmente perceptível, a mulher mesmo descuidada é relatada como dona de um corpo esguio, dona de uma cabeleira exuberante e bonita. Com o passar do tempo ela passa a ser desprezada pelos moradores da favela, ou então vista com um misto de incredulidade e de não entendimento por aqueles homens que antes desfrutaram de seus favores.

Certo dia a favela acorda com a morte de Cidinha-Cidoca, encontrada caída no Buracão, um lugar, até então, que não tinha nenhum relato de morte. Foi nele que ela encontrou resposta para sua tristeza ou até mesmo para o descontentamento ao se ver presa em sua insanidade:

Cidinha-Cidoca que pouco ou nada falava ultimamente, resolveu falar. E sua fala era uma resolução de morte. Ela dizia que iria morrer. Morrer como, por quê, e de quê,

perguntaram para ela. A moça respondia que ia morrer de não viver. E para todos, ela apenas confirmava a loucura. Morrer de não viver [...]. (EVARISTO, 2017, p. 157)

A discriminação também é tratada ao relatar a história da Outra, personagem que tinha hanseníase e contava somente com o apoio de Vó Rita. Vivia escondida dos olhares dos moradores da favela. Abandonada pela família, não vivia, somente existia em um limbo de esquecimento e não pertença ao lugar onde morava. Ao contrário de outros moradores, não havia nenhum tipo de relação entre a Outra e seus vizinhos: “Parece que ela esperava a visita da menina, embora houvesse anos que ela e a Outra não eram visitadas por ninguém” (EVARISTO, 2017, p. 180).

O encarceramento feminino também é exposto quando Ditinha, em um momento de loucura, rouba um broche de sua patroa. O remorso e a vergonha a fazem adoecer de arrependimento e medo de ser descoberta, o que de fato acontece. Quando a polícia chega à favela e a leva, seus filhos são obrigados a crescer mais rápido que o tempo devido. A vergonha de ter a pecha de ladra, de saber que todos teriam consciência do fato e não do que de fato aconteceu, fez com que ela se exilasse dentro de sua própria casa quando voltou da prisão. Só saiu da moradia quando se mudaram da favela:

Havia um mês que Ditinha chegara e continuava escondida dentro de casa. Proibira os filhos de contar para alguém. Estava com vergonha e medo. Vergonha de que os outros e os vizinhos a vissem. Mesmo que não indagassem nada, na certa iam querer saber de tudo. Medo [...]. (EVARISTO, 2017, p. 167)

A multiplicidade de relatos advindos de situações e mulheres tão diferentes fazem com que **Becos da Memória** surja como um registro não somente de um processo de higienização da cidade promovido pelo desfavelamento, mas também como uma denúncia das situações vividas por mulheres negras. Grada Kilomba (2019, p. 190) alerta para o fato de que mulheres negras por não serem nem brancas e nem homens ocupam um lugar diferente nessa cadeia de hierarquização social, portanto, passam por situações que são muito específicas de sua condição. A invisibilidade negro-feminina é questionada e afrontada em todos os relatos feitos por Maria-Nova. Ao expor as situações vividas pelas mulheres da favela, ela problematiza todo um viés estético e literário, dando potência a margem e gerando assim discussões e reflexões possíveis de questionar o cânone vigente.

Mesmo partindo de um lugar que até então lhe fora negado enquanto, mulher, periférica, jovem, Maria Nova faz com que sua narrativa tenha todo um cuidado com o manuseio das palavras levando o leitor a se convencer que todas as vidas merecem ser celebradas e escritas independentemente de onde elas estejam plantadas. “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter

experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2019, p. 69). Ao fazer com que as vozes de mulheres negras reverberem através de sua própria voz, Evaristo concede a elas o direito e a possibilidade de falar e, acima de tudo, como também de serem ouvidas.

É uma escrita acometida por toda uma vivência que se entrelaça com outras vidas pretas. Um desencadear de palavras que podem perfeitamente serem associadas a maioria das mulheres negras que tentam a todo tempo romper com os grilhões da subalternidade: “Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’” (EVARISTO, 2009, p. 18).

Grupos subalternos ocupam lugares em que não tem suas humanidades reconhecidas, já que é condição *sine qua non* de tal grupo o silenciamento. Segundo Spivak (2010, p. 16): “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher negra’, ‘pobre’ como um item respeito na lista de prioridades globais”.

Ao se opor ao que está posto, Conceição Evaristo se compromete a romper esse silêncio através de sua vivência e das experiências vividas pelos que a cercam. É uma testemunha capaz de relatar situações, algumas vezes em um misto de crueza e ternura, comprometendo-se assim com a descolonização do corpo negro-feminino.

Propor a leitura das mulheres negras de forma diferente do que até então eram apresentadas pela literatura, torna os escritos de Evaristo modelos representativos e relevantes para um novo cenário estético onde as personagens passam a ser sujeitos de suas próprias histórias e não somente objetos da escrita literária:

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54)

É através de sua escrevivência que ela evidencia uma luta constante em produzir espaços de resistência através da escrita. A ocupação de lugares que até então eram destinados somente a uma classe social específica torna os textos de Evaristo muito mais do que simples representação do povo negro. Há, assim, uma sincera discussão sobre o descaso dos escritores ao não construírem personagens que contemplem esse segmento social. Djamila Ribeiro (2019, p. 83) nos fala que “[...] falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica nem sequer se pensem”. Não é simplesmente o relato pelo relato, a fala pela fala. É uma maneira de romper com a passividade tanto do escritor quanto do leitor em busca de uma construção totalmente possível e democrática.

A escrevivência de Conceição Evaristo talvez seja um fio neutro, porém potente no entretecer do grande ciclo da vida. Neutro porque é capaz de se misturar aos diversos tons e matizes que a negritude é capaz de propor e potente pois se destaca quando comparado aos clássicos que já se acostumaram a serem considerados padrão.

Através de sua “dororidade”⁹ e de suas percepções sobre as experiências de vida de suas companheiras também marginalizadas, ela proporciona meios para que mulheres negras se sintam confiantes para se perceberem como sujeitos de suas próprias vidas e reivindicuem seus espaços no meio cultural e literário. Quando reconhece e nomeia o problema, acaba por oferecer caminhos para que novas veredas sejam abertas. Falar sobre a dor, assumir a importância do papel dela para a modificação de situações impostas pelas violências naturalizadas pelo patriarcado é certamente libertador pois, a partir daí pode-se enxergar a situação de fato como é e fazer algo para modificá-la.

2.1. A representação e autorrepresentação negro-feminina

Constatação
 Pareço Cabo-verdiana
 pareço Antilhana
 pareço Martiniquenha
 pareço Jamaicana
 pareço Brasileira
 pareço Capixaba
 pareço Baiana
 pareço Cubana
 pareço Americana
 pareço Senegalesa
 em toda parte
 pareço
 com o mundo inteiro
 de meu povo
 pareço
 sempre o fundo de tudo
 a conga, o tambor

é o que nos leva adelante
 pareço todos
 porque pareço semelhante

Elisa Lucinda

⁹ Termo cunhado por Vilma Piedade, professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira formada pela UFRJ, com pós-graduação em Ciência da Literatura em seu livro “Dororidade”. No livro, a autora faz a definição etimológica de Sororidade, que vem de *sóror* – irmãs. E afirma que a Dororidade carrega a dor causada em todas as mulheres pelo machismo, porém, quando se trata de mulheres negras há um agravo nessa dor já que sua intensidade variará de intensidade a depender da cor de sua pele. “Quanto mais preta, mais racismo, mais dor” (PIEADADE, 2017, p. 46).

Representatividade é fundamental. Talvez seja o pilar que, mais democraticamente está sendo erguido e defendido nesse tempo em que estamos vivendo. Representatividade é reconhecimento. Representatividade é legitimação. Representatividade é formação de vínculos entre aqueles que pertencem à mesma condição racial, social ou de gênero. Representatividade é resistência uma vez que: “A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (RIBEIRO, 2019, p.13).

Somos cada dia mais incentivados a nos perceber nos lugares que vivemos e, por isso urge que, cada vez mais os espaços acadêmicos e literários reconheçam a diversidade de narrativas em favor da construção de um novo cânone. Um *locus* acessível e compatível com a realidade da sociedade como um todo. Um lugar que todos possam se compreender plenamente sem que se precise ser validado pelo outro.

Na literatura, o escritor acaba por trazer para si a responsabilidade de falar pela personagem em uma relação imbricada que representa algo que já está posto pelas condições sociais, acabando assim por criar um manifesto de suas convicções e pensamentos.

Em um exercício de representação da sociedade, o escritor aproveita de seus conhecimentos e suas vivências para dar forma e conteúdo à suas personagens. Tudo que vemos ao nosso redor são representações como numa espécie de ligação covalente, onde o escritor e o personagem são partes complementares e essenciais do mesmo universo estético.

Luiz Costa Lima afirma que “a sociedade respira e transpira representações” (1980, p.71). A relação do narrador (escritor) com a personagem é uma via de mão dupla pois tanto um quanto outro convivem em um espaço simbiótico e gerador de conhecimento.

Em um modelo estético proposto pelo colonizador, com vivências e personagens apoiados em padrões europeus, a representatividade das personagens acabava por ser restrita aos padrões que, certamente não contemplavam todas as classes sociais brasileiras. Para o professor Hermenegildo Bastos (2006, p.97). “a literatura que é conhecimento e interpretação do Brasil, se por um lado é mimese da forma social que lhe precede, entretanto não se plasma como forma literária se não a partir da intuição e imaginação do escritor”

Sendo assim podemos dizer que nos escritos de Conceição Evaristo acontece muito mais do que a representação da mulher negra. Existe a apresentação da realidade que a cerca bem como, a manifestação de sentimentos, a exposição de pareceres que, até então eram completamente esquecidos ou então, estereotipados e subjugados por uma norma subserviente à branquitude.

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. (EVARISTO, 2005, p.53)

A representação é uma função do processo de formação literário. Mesmo que seja mimeticamente pensada, para que haja uma reação causada no leitor, esse ato exige daquele que escreve um posicionamento muito mais que estético, um posicionamento político. Outrossim, “para representarmos a nós mesmos, é preciso que tenhamos existência política. A formação e representação, entre nós, são uma só coisa” (BASTOS, 2006, p.100).

Rompendo todo um arquétipo que privilegia não somente os modelos europeus no que concerne às personagens, rompendo inclusive com o que poderia se chamar de língua padrão, Conceição Evaristo causa certa estranheza ao trazer para as bem traçadas linhas de suas narrativas, o falar e o viver do colonizado, antes invisibilizado a ponto de como afirma Hermenegildo Bastos (2006, p. 102) causar um “certo incômodo a quem está lendo na língua do dominador”.

Ao dar voz a uma pluralidade de mulheres, a autora permite que a margem converse consigo mesma amplificando suas vivências a ponto de serem ouvidas alta e claramente pelo centro.

A dinâmica da fala pressupõe o ato da escuta. Se não há quem escute o falar é vão. É fundamental o ressoar de muitas vozes para romper paradigmas que persistem em desprezá-las. Ao serem silenciadas as vozes das minorias, tais relatos vão sendo esquecidos e prontamente perdidos até mesmo dentro da própria comunidade a que ele pertence. Spivak em seu livro **Pode o subalterno falar** nos alerta para o fato de que a condição de subalternidade não tira a voz do subalterno, o que acontece é que o desprezo do opressor é tamanho, a ponto de não ouvir aquilo que lhe está sendo dito.

No prefácio do livro de Gayatri Spivak, a professora Sandra Regina Goulart Almeida, menciona que a autora ao escrever sobre a subalternidade, tem como uma de suas conclusões, a unilateralidade da fala da classe dominante já que não há um caráter dialógico nessa vil relação e assim, “o processo de autorrepresentação do sujeito subalterno também não se efetua, pois o ato de ser ouvido não ocorre” (ALMEIDA, 2010, P.15).

Grada Kilomba em seu livro **Memórias da Plantação** assevera a necessidade da disposição do ouvinte em estar atento ao que está sendo dito. Tanto para quem fala quanto para quem ouve é necessário a intenção de se comunicarem.

Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/ es que são ouvidas/os são também aquelas/ es que "pertencem". E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/ es que "não pertencem" (KILOMBA, 2019, p. 42).

Quando lemos **Becos da Memória** podemos ouvir um relato ficcional, porém honesto da realidade que cerca as pessoas que viveram naquela comunidade sob a ótica feminina de uma menina que cresce e amadurece durante esse processo.

A pluralidade de vozes de suas personagens pode ser ouvida mesmo após anos de silenciamento imposto ao povo negro que, acabou tendo suas narrativas esquecidas ou até mesmo desprezadas por grande maioria da sociedade.

Mesmo que suas vozes estivessem sendo registradas, todo arcabouço literário que foi sendo construído, não considerou efetivamente esses registros. Fez-se um postulado de silêncio que vem sendo gradativamente desconstruído através de uma literatura que alguns ainda nomeiam como marginal.

Conceição Evaristo em um contradiscurso repleto de significados e com total propriedade, escreve com uma insubmissão capaz de se contrapor às narrativas que ora estão firmadas como padrão literário. Comprometida com a dominação, a literatura é também uma forma de resposta a esta dominação, porém, o poder político dessa resposta depende de sua qualidade estética já que ela também está imbuída da ideologia e assim é preciso pensar nela a partir do interior de sua própria forma.

Em relatos onde ficção e não-ficção são lados que convergem e divergem simultaneamente, através do mimetismo de seu discurso, a autora utiliza de sua experiência para levar o leitor a lugares que antes não eram considerados viáveis e, por isso mesmo não eram nem vistos, causando assim em grande parte daqueles que se propõem a efetivamente ler sua obra, impactos capazes de mudar suas próprias trajetórias.

Outrossim, há que se ter cuidado para com a forma que se relata as situações e os lugares. É imprescindível que se veja a produção de narrativas a partir do próprio lugar em que as personagens estão inseridas. Que se considere a geografia, as condições em que elas viviam e assim ressalte-se a luta e reconheça-se os frutos desta, ou seja, uma fala de tão relevante potência e insubmissão a ponto de provocar o leitor constringendo-o em sua inércia ou nomeando sua indignação.

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele

que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALES, 1984, P.225)

Conceição Evaristo dá voz aos esquecidos. Cria condições para que qualquer pessoa conheça seus livros. Permite que o subalterno seja ouvido por um público que, anteriormente não relevava suas experiências e narrativas. Em **Becos da Memória** o rompimento da subalternidade acontece a partir do momento em que Maria Nova empresta sua voz a todas as mulheres e homens que de uma forma ou outra encontraram em tais relatos a possibilidade de terem suas vozes reconhecidas e amplificadas. “Há o silêncio do oprimido que nunca aprendeu a falar e há a voz daqueles que têm sido forçosamente silenciados porque ousaram falar e, ao fazer isso resistem” (HOOKS, 2019, p.47).

Mesmo que haja um *corpus* literário específico e posto academicamente, Evaristo traz de forma concisa e emancipatória um resgate da autoria negro-feminina com tal pujança que, obriga o leitor a olhar para si mesmo em relatos cirurgicamente cuidadosos, capazes de fazer com que se enxergue por diversos momentos como partícipe ou testemunha de sua narrativa.

Conceição Evaristo nos movimenta em meio a relatos capazes de tirar nosso sossego, levar-nos às lágrimas e nos exaltarmos de indignação com o descaso e crueldade que muitas vezes são submetidas suas personagens. Quando se lê a maneira como Vó Rita segue andando e distribuindo sua alegria pela comunidade ou a maneira como a Outra é relegada por sua família e por todos os outros que a cercam, menos Vó Rita, é impossível não perceber a profundidade da relação existente entre as duas mulheres a ponto de não precisarem de palavras para se aperceberem dos sentimentos uma da outra.

Vó Rita vinha cantarolando, mas escondia uma preocupação no peito. A Outra andava muito calada ultimamente e trazia sempre a ideia de morte nos olhos. Era difícil ver os olhos da Outra, e só Vó Rita conseguia ver. Desde o dia em que a Outra percebeu o temor, o asco nos olhos de seu próprio filho, a ideia de morte começou a rondar-lhe a cabeça. Por que e para que continuar a viver? Até seu filho! Ela já tinha se isolado de tudo e de todos. Nos últimos sete anos, o seu mundo se limitava dentro de um lento caminhar entre o barraco no fundo do terreno e a bitaquinha na frente. Ia e vinha no beco escuro, entre o barraco e o barranco, lentamente. Parava, escondia-se, olhando lá para fora. Ninguém se lembrava dela e se, por descuido, alguém olhasse para o lado do portão, temeroso, desviava o olhar como se tivesse visto a própria morte (EVARISTO, 2017, p.69).

Enquanto processo literário em **Becos da Memória**, a escrita de Conceição Evaristo traz as personagens para o centro de uma narrativa que as torna agentes em uma esfera própria de poder. Uma escrita que se propõe a nomear realidades. Uma escrita que procura

individualizar o cotidiano negro-feminino tendo em vista que, mesmo compartilhando de uma ancestralidade forte e exuberante, somos diferentes em nossas semelhanças.

Até então, as mulheres negras eram representadas hegemonicamente na literatura brasileira em papéis impostos para si em construções de escritores brancos, como mulatas lascivas, negras que assumiam a maternidade dos filhos de senhores de engenho de maneira abnegada e submissa ou então trabalhadoras sem nenhuma vontade, apenas mão-de-obra numa sociedade patriarcal e sexista, reforçando assim os lugares previamente marcados para sua raça. Percebemos nas personagens de Evaristo todo um comprometimento com suas próprias histórias, independente dos papéis que estavam postos para si até então, ao dar voz a sentimentos, relatar situações e romper com arquétipos literários trazendo personagens que até então estavam a margem, ela surge como resistência no rompimento de silêncios opressores.

Com personagens que ocupam lugares considerados como espaços de subalternidade social, e por isso considerados estéreis de aprendizados e narrativas, a autora as descreve de forma tão legítima, que ao leitor é perfeitamente possível reconhecer nelas as inseguranças, alegrias, conflitos e tudo aquilo que mulheres reais pensam e vivem.

A noite veio caindo lenta e carregada de pontos luminosos lá no céu. Aquela seria a sua última noite na favela. As coisas já estavam todas juntas. Tinha o corpo moído de cansaço. A tia e a mãe entregaram as últimas trouxas de roupa. Não haviam confirmado nem dispensado a freguesia. Havia o medo, o incerto, o imprevisível do amanhã. Mas havia a tenacidade, a força, o desejo de vida. (EVARISTO, 2017, p. 182).

Tornar sua escrita uma imagem perfeitamente crível no imaginário do leitor faz com que surja beligerantemente, uma literatura produtora de discursos que comunicam e reforçam o pertencimento negro-feminino a esse lugar outrora lhes negado.

É de substancial importância a compreensão da importância da narrativa literária para a percepção da identidade negra até então relegada à subalternidade. Tal escrita acaba por ser um exercício de aproximação, de reconhecimento de indivíduos que assumem um enfrentamento, mesmo que não pareça surtir efeito instantaneamente, culminará por mudar o *status quo* daqueles que hão de vir.

Reconhecimento é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade - já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser vista/ o, mas sim de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/ os "Outras/os" fossem, mas sim quem elas/eles realmente são. (KILOMBA, 2019, p.46)

Ter a possibilidade de os discursos literários serem realizados a partir de uma autoria negro- feminina que inclui vozes antes marginalizadas, de forma legítima mostra que tal representação vem gradativa e eficientemente firmando seus passos e marcando seu território.

Em um processo de total assumência e insubmissão, a escrita de Conceição Evaristo permite que mesmo que o Brasil não esteja disposto a ouvir escritoras nacionais, e muito menos escritoras negras, desprezá-las já não é mais uma opção.

Não perceber a importância da representatividade num país como o nosso, que teve quase quatro séculos de escravidão e mantém a população negra na subalternidade, me dá a impressão de que muitas pessoas precisam urgentemente rever seus conceitos. Ou seu racismo mesmo. É preciso que as pessoas parem com a síndrome de privilegiado, que julga que pode falar sobre qualquer coisa. Poder até pode. Mas, em determinadas instâncias, a pergunta a fazer é: “devo?” (RIBEIRO, 2018, p.84).

Quando escreve sobre temas que estão imbricados na realidade da população negra do país, a autora exercita sua cidadania no sentido de visivelmente mudar seu status de objeto para sujeito. Utilizando dos recursos literários que a escrita lhe oferece enquanto instrumento de representatividade social, faz com que sua narrativa desempenhe também uma função política pois, proporciona que o leitor seja direcionado a temáticas potentes e, que não raras vezes se ele for negro, já foi atravessado por elas.

O público leitor assim é levado a perceber contextos por um viés incomum gerando empatia para alguns e estranhamento para outros. Neusa Santos em seu livro **Tornar-se Negro** afirma que: “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz: muito mais significativo quanto mais fundamentado. no conhecimento concreto da realidade” (SOUSA, 1983, p.17).

Em uma escrita corajosa e assertiva Conceição Evaristo demonstra que a vida de todas as pessoas merece ser registrada. Não se deve haver estereótipos ou preferências. O texto literário precisa ser devolvido ao mundo com a representação de todos que fazem parte dele.

Fica fácil falar sobre o que aquele grupo quer ouvir, descrever e definir a experiência numa linguagem compatível com as imagens e modos de saber existentes, construídos dentro de uma estrutura social o que reforça a dominação. Em qualquer situação de colonização, de dominação, o oprimido, o explorado desenvolve vários estilos de relato, falando de outra maneira para aqueles que têm um poder de oprimir e dominar, uma maneira que permite que seja compreendido por quem não conhece a sua maneira de falar, sua língua (HOOKS,2019, p.49).

O fato é que há uma narrativa potente e sólida permeada de uma compreensão da identidade negro-feminina atravessando suas personagens, mesmo sabendo o leitor que são fictícias, há todo um devir carregado de orgulho e ancestralidade.

Chimamanda Ngozi Adichie acaba por reiterar a pujança dessa escrita de Conceição Evaristo quando diz que:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em *igbo* na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: Como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, imagem fazer com que ela seja sua história definitiva (ADICHIE, 2019, p.22).

Como que em um testemunho daqueles que habitam a margem, Evaristo proporciona meios de descolonização dos corpos negros e femininos a partir de representações que vem quebrar os estereótipos impostos às mulheres negras. Em uma fala multi (f)vocal demonstra que existem outras histórias a serem contadas colocando em xeque um postulado poderoso e monocórdico da literatura brasileira.

Em total conexão com o tempo e lugar em que vive, acaba por permitir que as situações descritas através de seus relatos, tão poéticos quanto contundentes, acabem soando como uma convocação a todas as mulheres negras a assumirem lugares antes não disponibilizados a elas. Evaristo por meio de suas histórias permite que os corpos negros se firmem como meio de aquilombamento e a partir daí se proclamem, o que de fato são, poderosos e livres.

2.2 – Becos Da Memória: Um Manifesto Pela Desobjetificação Dos Sujeito Feminino

MULHERES NEGRAS

Enquanto o couro do chicote cortava a carne
 A dor metabolizada fortificava o caráter
 A colônia produziu muito mais que cativos
 Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos
 Não fomos vencidas pela anulação social
 Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial
 O sistema pode até me transformar em empregada
 Mas não pode me fazer raciocinar como criada
 Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo
 As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo
 Lutam pra reverter o processo de aniquilação
 Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão
 Não existe lei maria da penha que nos proteja
 Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza
 De ler nos banheiros das faculdades hitleristas
 Fora macacos cotistas
 Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão
 Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação
 Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador
 Falharam na missão de me dar complexo de inferior
 Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu
 Meu lugar não é nos calvários do Brasil

Yzalú

Grada Kilomba (2019, p.14) na introdução de seu livro **Memórias da Plantação** faz uma afirmação muito assertiva e pertinente. Ela diz que mesmo com toda poesia e todo aprimoramento estético que a língua pode oferecer, ela também tem uma dimensão política capaz de “criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”.

No Brasil, o negro foi impedido de ser reconhecido em seu espaço individual e coletivo por um sistema escravocrata durante 300 anos. Todavia, mesmo após sua libertação, as garantias básicas de saúde, trabalho, vestuário, moradia, alimentação, enfim, suas necessidades básicas também lhe foram negadas levando sua existência a ser total e completamente desprezada pela sociedade.

Em um esforço gigantesco e incessante, o povo negro vem erguendo sua voz, marcando seus espaços e trazendo à tona a trajetória de seus ancestrais através das histórias, dos costumes e da religião. Conceição Evaristo é parte dessa revolução.

Ao assumir as “rédeas” das palavras, a escritora se torna sujeito de sua própria narrativa, tirando a invisibilidade de seu povo, transformando sua escrita em um catalizador potente capaz de legitimar esse processo de reinvenção da negritude representada em seu livro.

Existem diversos estudos demonstrando que, na contracorrente de discursos desfavoráveis, a literatura negro-feminina segue representando a figura da mulher enquanto sujeito, contestando assim uma tradição literária totalmente misógina e racista. Essa escrita questiona e rasura os estereótipos definidos para a mulher negra.

Miriam Alves, escritora, intelectual e ativista, corrobora com a importância e a relevância dessa transmutação negro-feminina quando diz que:

A produção textual das mulheres negras é relevante, pois põe a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. Partindo de um outro olhar, debatendo-se contra as amarras ideológicas e as imposições históricas, propicia uma reflexão revelando a face de um Brasilafro feminino, diferente do que se padronizou, humanizando esta mulher negra, imprimindo um rosto, um corpo e um sentir mulher com características próprias (ALVES, 2010, p. 67).

As histórias contadas por Conceição Evaristo através de Maria-Nova, revelam toda uma especificidade capaz de levar o leitor a confundir a criação com sua criadora. Vale ressaltar que existe uma relação tão simbiótica entre elas, que eleva o discurso literário a uma prática para além da artística. Subvertendo o espaço literário, a escritora faz de suas narrativas muito mais que um enredo contemporâneo e vigoroso. Sem retirar da narradora seu papel condutor, veem-

se as convicções e crenças de Evaristo serem propagadas por Maria-Nova, tornando a menina agente de uma representatividade tanto estética quanto política.

Tal literatura, nomeada por alguns de “marginal”¹⁰, acaba por encontrar guarida nas representações e vivências periféricas capazes de fortalecer essa ocupação, a cada momento em que se questiona toda ortodoxia conceitual posta pelo cânone literário.

Em um movimento de autorreconhecimento abordando tanto questões relacionadas ao passado quanto ao presente, Evaristo vai conduzindo Maria-Nova a uma nova percepção de si.

“Pensou em Negro Alírio e reconheceu que ele agia querendo construir uma nova e outra História.

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (EVARISTO, 2017, p. 150).

Em uma narrativa que proporciona um perceber de si enquanto sujeito e não como objeto, as personagens em **Becos da Memória** são donas de histórias que são relatos ficcionais, porém, totalmente passíveis de serem reconhecidos pois, estão agregadas a um conhecimento comum de uma grande maioria do povo negro.

Quando Evaristo movimenta toda epistemologia ao incorporar em seu discurso muito mais que suas memórias, mas também palavras de luta, dor e emoção, ela o faz com tanta propriedade que, não há como duvidar ou desprezar o seu conhecimento. Ela é parte de um todo que habitualmente não tinha “autorização” para falar ou emitir pareceres. Nunca chamados a opinar e nem tão pouco considerados como partícipes, o sujeito negro é falado ou então fala-se por ele.

Através da voz de Maria-Nova se registrava tudo: dor, miséria, preconceito, discriminação com todos aqueles que povoam a favela representados no imaginário da autora.

Assim como na epígrafe do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de Lélia Gonzalez, apresentado na ANPOCS3¹¹ em 1980 e publicado em 1984, conta que um grupo de pessoas negras foi convidado por pessoas brancas para o lançamento de um livro sobre questões raciais, mas foram colocados nos fundos, fora da mesa principal, onde uma negra é chamada

¹⁰ O termo marginal, na literatura brasileira, aparece na década de 1970, com a Poesia Marginal ou a Geração do Mimeógrafo, representada pelos poetas Ana Cristina César, Cacaso, Paulo Leminski, Francisco Alvim e Chacal, em sua maioria oriundos da cidade do Rio de Janeiro, de classes média e alta. No que se refere à definição desse termo na literatura, está ligada a escritores considerados à margem do circuito editorial, à subversão do poder acadêmico e linguístico e à representação das classes desfavorecidas. (Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas. v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193-212).

¹¹ Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

para responder algumas perguntas feitas a ela e passa a reclamar de algumas situações vexatórias que aconteciam na festa, Maria-Nova usa de seu momento, da ocasião em que lhe é conferida a palavra, mesmo que seja como o alterego da escritora, para expor a diferença que existe estruturalmente e que massacra o povo preto continuamente.

Tava armada a quizumba [...] Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se estavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve uma hora que não deu prá aguentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone para falar contra os brancos. E a festa acabou em briga.... Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes.... Agora ta queimada entre os brancos. (*apud* GONZALEZ, 1983, p. 223).

Quando conta a história do desfavelamento, respeitando a norma estética imposta pelo discurso da branquitude, ela faz com que o silenciamento, enquanto estratégia de opressão, seja quebrado e traz para o centro as vozes legítimas da margem. Grada Kilomba reverbera toda a potência da mulher negra ao produzir suas próprias epistemes, assim como faz Conceição Evaristo, quando diz que:

Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade” (KILOMBA, 2019, p.58).

É necessário entender que não há discursos neutros ou específicos mesmo que a branquitude insista nisso. Ao se propor a escrever sobre corpos e experiências negras, sobre a construção de uma identidade que foi forjada em meio a atravessamentos racistas e sexistas, a escritora provoca todo um sentimento empoderador capaz de fazer com que o oprimido se insurja contra um sistema de privilégios e discursos hegemônicos.

Falar sobre o silenciamento do negro na literatura e na cultura, mais que valorizar suas experiências é também trazer para o debate quais seriam as representações válidas sobre eles. O professor Hermenegildo Bastos assevera que “as representações literária e política se entrelaçam, mas cada uma dá a ver o que nem sempre é evidente na outra” (2006, p.93).

Muito mais que discussões sobre colorismo, apropriações culturais ou origem étnica, o que define a literatura negro-feminina é um discurso atravessado por experiências históricas e diárias de todas as mulheres negras do país. Surge então uma literatura potente e libertadora

que, propõe demonstrar outros corpos e enunciados ancorados na herança da cultura negra brasileira.

Por isso, ao fazer com que, através da fala de Maria-Nova, seja conhecida a história do desfavelamento, Conceição Evaristo concede o poder narrativo para alguém, que assim colo ela, representa a invisibilidade, tanto por ser negra quanto por ser mulher. Pelos relatos percebemos a narradora como um elo de ligação entre os ensinamentos e todo poder carregado por sua ancestralidade a um presente ainda imbricado de preconceito e apagamentos.

A forma como são narradas todas as histórias em meio a uma fusão de memórias e ficção, tornam Maria-Nova uma representante da mudança estética proposta pela autora, acabando por subverter a ordem social vigente até então no meio literário, ou seja, negros como objetos, seres sem identidade e fala.

Ao considerar que o registro sobre um grupo social subalternizado é relevante, Evaristo em alto e bom som, por meio de sua escrita, o insere no mundo literário trazendo para as páginas de seu livro, personagens com características totalmente diversas das que povoavam o imaginário do leitor, proporcionar o reconhecimento de corpos negros fazendo com que a sociedade o perceba, e reconheça assim uma estética diaspórica presente não somente no cotidiano social como também no ambiente da literatura. Quando faz com que tais papéis sejam postos, a autora dá voz aos seus pensamentos e seus corpos.

Para bell hooks (2019 p. 39) “fazer a transição do silêncio a fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura que possibilita uma nova e o novo crescimento”. Ter consciência da necessidade de dar voz às mulheres negras faz com que surja em instâncias até então inalcançáveis, a necessidade de se formar uma consciência crítica e transformadora.

Para essas escritoras, a literatura acaba por se transformar em um espaço de resistência e insurgência contra um cânone literário excludente. A narrativa proposta por Evaristo em **Becos da Memória** é perfeitamente capaz de trilhar veredas antes proibidas ou impensáveis por causa do preconceito posto, fazendo uma crítica perfeitamente reflexiva quando registra particularidades do universo afro-feminino brasileiro.

Muito mais que em atitudes, a escrita nos leva a compreender que “dar a voz” àqueles que até então estavam alijados deste processo comunicativo, é uma forma de incitar nas gerações vindouras a necessidade de resistir. É uma ferramenta capaz de transmitir às mulheres que virão, a certeza que transformar o “não-lugar”, “o não-ser”, em espaços ocupados por nossas escrivências, é uma maneira de combater o colonialismo e a desigualdade social.

Os personagens de **Becos**, se lidos através de um olhar heteronormativo e irrefletido, podem ser considerados como moradores desprivilegiados, tanto de coisas materiais quanto de cultura, inteligência e saber. Contudo essa impressão causada, até mesmo pela constituição geográfica do lugar em que se passa toda narrativa, uma vez que becos e periferias sofrem com o preconceito imposto a eles, pode fazer com que um leitor incauto deixe de perceber toda a conscientização política gerada pela luta dos negros em diversos setores da sociedade.

Seja através da dor e revolta que os moradores cultivavam pela construtora que, de forma inclemente, ia pouco a pouco desocupando a favela:

“As mudanças, trouxas, latas, meninos e grandes, cachorros, desamparo, merda e merda, tudo era acomodado desacomodadamente em cima do caminhão (também oferecido pela firma construtora). Os vizinhos próximos observavam a partida, sabendo que daí a uns dias seriam eles. O caminhão levantava poeira. Bom era que, com pó caindo nos olhos da gente, se podia chorar como se nada fosse” (EVARISTO, 2017, p.81).

Ou no relato dos abusos do patrão de Nego Alírio, Evaristo lança mão de sua habilidade de contar histórias para registrar a força do movimento negro para as lutas populares.

“Os homens, os companheiros de cais, sabiam tudo de sindicato, de leis, direitos e deveres. Eram rudes e sábios. Eram fortes e não recuavam. Tinham consciência de suas forças. Conseguiram incomodar, quando faziam greve, o Brasil inteiro. Só que sofriam represálias depois das greves. Às vezes, um ou dois meses após, eram mandados embora um por um dos líderes, aqueles que mais sobressaíam. Havia companheiros fiéis que eram capazes de morrer pelos outros. Esses tinham feito a escolha na vida de lutar pela causa operária e não desistiam por nada” (EVARISTO, 2017, p.96).

bell hooks afirma que o oprimido sempre terá uma maneira de falar para que se faça compreender por aqueles que, dentro de uma estrutura social não conheçam sua língua (2019, p.49). A escrita de Conceição Evaristo não tem a intenção de excluir nenhum tipo de pessoa. Sejam homens, mulheres brancas, pessoas trans ou cis, jovens ou novos. É uma escrita fluida e totalmente democrática pois possibilita que todos que a leem não se vejam confundidos ou entediados. O que ela faz é, na verdade, propor uma mudança dos paradigmas que até então estavam tão solidamente postos, ao fazer o leitor olhar através de seus olhos e contemplar a construção de uma literatura que evidencie toda uma especificidade oriunda de sua subalternidade.

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma

fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra. (EVARISTO, 2010, *s.p.*).

Não haveria necessidade de falar sobre a necessidade e o esforço do oprimido em encontrar a própria voz, se não houvesse mecanismos de censura, submissão e silenciamento, segundo observa bell hooks (2019, p.53). Porém das várias possibilidades que a arte e a cultura oferecem, a emancipação desses sujeitos através da construção de narrativas literárias vem de forma beligerante, confrontar, incomodar e fazer com que os leitores reflitam seus posicionamentos e conceitos.

Encontrar a própria voz em meio a tantos ruídos é essencial e libertador. As personagens em **Becos da Memória** oferecem a oportunidade do leitor negro, como em uma conversa descompromissada, identificar vozes semelhantes às suas e a partir de então, romper o silêncio a que muitas vezes ele mesmo se impunha.

A partir de um crescendo de possibilidades e de adeptos, novas histórias vão sendo escritas e, por conseguinte, novas memórias se formam, visto que, encontram-se vozes semelhantes, pois como declara bell hooks, em seu livro **Erguer a voz: pensar com feminista, pensar com negra**, “quando acabamos com nosso silêncio, quando falamos com uma voz libertadora, nossas palavras nos conectam com qualquer pessoa que viva em silêncio em qualquer lugar (2019, p. 55).

Em uma luta constante e revolucionária, a literatura negro-feminina vem a cada dia se consolidando como produtora de discursos que, contrapõem e sobrepõem os valores sociais vigentes permitindo que a mulher negra reconstrua sua individualidade, que violentamente vem lhe sendo arrancada ou questionada, desde o processo de colonização.

3 – AS MULHERES EM BECOS DA MEMÓRIA

Não precisa ser Amélia

...E não precisa ser Amélia pra ser de verdade
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser
Seja preta, indígena, trans, nordestina
Não se nasce feminina, torna-se mulher

Bia Ferreira

Em sua definição etimológica, segundo o site origem das palavras¹², a palavra representação tem origem no latim *REPRAESENTARE*, “colocar à frente”, de *RE-*, prefixo intensificativo, mais *PRAESENTARE*, “apresentar”, literalmente “colocar à frente de”, formado

¹² Disponível em <https://origemdapalavra.com.br/palavras/representacao/> Acesso em 05/10/2020.

por *PRAE*-, “à frente”. Portanto podemos dizer que representação é algo completamente relativo visto que é um substantivo abstrato e por isso polissêmico.

“Mimesis é a história do Realismo como uma forma de ver o mundo: a representação da vida cotidiana de homens comuns na perspectiva da ‘seriedade trágica’” (BASTOS, 2006, p. 109). Mesmo a literatura brasileira tendo em sua existência um comprometimento com o projeto de hegemonia branco, hétero-normativo, ao usar a literatura brasileira como catalizador a fim de transmitir interesses populares, permite que tal modelo seja subvertido em prol de um grupo que, de certa forma, no decorrer da história, mesmo produzindo suas narrativas, vinha sendo alijado de todo processo literário.

A representação é algo tão importante que é a partir dela que as identidades vão sendo efetivamente formadas. Quando crianças não sabemos o significado das coisas até que nos digam e então, a partir daí assimilamos a imagem ao que ela significa. Criamos então uma identidade para elas a ponto de, algumas vezes, assumirem o *status* de significado único, mesmo sem perceber que tais conceitos vem carregados das impressões, dos sentimentos e sensações que nos cercam, pois somos fruto de tais vivências como afirma Conceição Evaristo: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela” (EVARISTO, 2017, p. 17).

Em sua narrativa a autora permite que as identidades impostas sejam questionadas e revisitadas no imaginário literário quando por exemplo, cria uma mulher negra, linda e totalmente dona de suas vontades e de seu corpo como a personagem Dora. Nessa multiplicidade de mulheres, há uma que não permite que seu destino seja determinado por ninguém menos do que ela mesma, a ponto de tratar um assunto tão dogmático quanto a maternidade com total desprendimento. Ela não carregava em si a obrigação de cumprir obrigações e nem tão pouco achava que sua vida deveria ser um fardo. Dora é uma mulher que escolhe seu destino.

Já nova, quando os seios eram apenas duas manchas mais escuras sobre a pele do peito, antes mesmo de eles crescerem embelezando-lhe o corpo, Dora já se permitia com os moleques de sua idade. Aprendeu cedo a deixar a passividade da mulher que só recebe a mão do homem sobre si e começou a vasculhar o corpo dos homens. Tocava com a mão e com a boca. Foi de muitos homens e muitos homens foram seus (EVARISTO, 2017, p. 92).

Ao lermos **Becos da Memória**, é total e perfeitamente perceptível a multiplicidade do universo feminino exposto na narrativa de Conceição Evaristo. Em uma escrita que suscita sentimentos ambivalentes de medo e expectativa, a autora trata inclusive da não aceitação da

própria mulher negra por ela mesma. Tema controverso em algumas rodas já que, para algumas, o “aceitar-se” figura como condição primeira de sua identidade negra.

A negação de si mesma seja porque não se encontra, não se vê em ambientes de protagonismo, ou até mesmo porque sua autoestima inexistente em meio a tantas regras e padrões impostos socialmente, é retratada pela autora de uma maneira capaz de causar no leitor sentimentos que carregam consigo um certo travo insistente e constrangedor.

Ditinha olhava a teia, a aranha e as joias. Limpou a poeira dos armários, guardou os sapatos na sapateira, esticou cuidadosamente o lençol sobre a cama. Foi à gaveta, buscou o cobre-leito amarelo-ouro e acabou de arrumar a cama. Pensou nas joias. “Será que eu gostaria de ter umas joias dessas? Também, se tivesse, não teria vestidos e sapatos que combinassem. E se eu tivesse vestidos e sapatos que combinassem, não saberia como arrumar meus cabelos.”

Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia. “E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela.) Mesmo assim eu não assentaria com essas joias” (EVARISTO, 2017, p. 99).

Num exercício de reciprocidade, Conceição Evaristo instiga no leitor a consciência de que todas as vidas merecem ser registradas e escritas. Ela confronta inclusive a própria mulher negra que em muitos momentos não consegue se enxergar com orgulho de pertencer a sua raça. Infelizmente por terem suas identidades massacradas, submetidas a padrões e exigências totalmente absurdas e exclusivistas desde a mais tenra infância, muitas tentam (muitas vezes em vão) se amoldar aos modelos que a branquitude considera como “normal” para se sentirem validadas em seus desejos e em suas vidas, pois assim como afirma Neusa Santos: “O negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente” (SOUZA, 1983, p.18).

Becos da Memória traz uma escrita repleta de possibilidades, que levam a tessitura de uma rede leitora terapêutica, capaz de fazer com que as pessoas se encontrem com suas ancestralidades, a partir do momento que as histórias narradas acabem por ressoar em suas próprias trajetórias. É quase que palpável o respeito com que Evaristo trata seus personagens.

Ao representar a dor de Maria-Nova quando soube que Nazinha, sua amiga, menina com a mesma idade que a sua, fora vendida pela mãe para um homem que trabalhava numa fábrica perto da favela, percebe-se um relato doloroso, porém, não acusador. É como se o fato de ter um filho doente para cuidar, um marido bêbado que só lhe causasse problemas, fosse justificativa pra que Tetê do Mané, numa espécie de conformismo e abnegação visse nessa venda nefasta, a possibilidade de resolver esses problemas e talvez até oferecer um “futuro” melhor para sua filha.

Em nenhum momento durante o relato de *Bondade à Maria-Nova* tem-se algum tipo de julgamento ou revolta. Apenas a descrição do sofrimento, a ponto da personagem após o ocorrido e toda favela falar sobre o fato, não emitir opinião, nem contar o que sabia: “Maria-Nova já sabia antes de todo mundo. Ela sentia falta, sentia dor, se angustiava por sua amiga Nazinha” (EVARISTO, 2017, p.39). Em um atravessamento de experiências e sensações a autora interpreta as narrativas do seu povo levando a um enfrentamento do discurso hegemônico que até então vigorava tão categoricamente.

A escrita, como um barco navegando os mares das palavras, necessita de um condutor. Em **Becos da Memória**, Evaristo entrega completamente o leme dessa embarcação à sua protagonista Maria-Nova a ponto de ser confundida com ela. Tal subterfúgio confere-lhe uma potência e veracidade tão efetiva que, em suas narrativas, pode-se ver, ouvir, sentir, sorrir e chorar como se fôssemos parte da comunidade.

Num fluxo de informações que reverberam no cotidiano temos uma diversidade de temas que acabam por convocar quem lê a entrar em uma espécie de roda de conversa intelectual. Não existe prioridade, fila ou lugares pré-determinados. O leitor pode entrar nessa roda em qualquer momento que se sinta confortável. Em uma narrativa fluida e completamente democrática, Conceição Evaristo tem um texto tão silenciosamente estrondoso que se torna impossível não reconhecer espaços de resistência e dedicação forjados através das personagens.

A maternagem¹³ abordada através das personagens vai além daquela que possivelmente ou em sua grande maioria estejamos acostumados a ver retratada nos livros *As mães de Becos da Memória* são mães “reais” ou sejam, são imperfeitas porque tem em seus relatos a evidência de partirem de lugares semelhantemente diferentes.

Quando Evaristo relata a dor de Tio Totó que perde sua primeira esposa Miguilina e sua filha Catita levadas pelo rio ao tentarem atravessar um rio quando saíam da fazenda em que eram escravos. Quando anos mais tarde ele se encanta por Nega Tuína, casa-se com ela que fica grávida de gêmeos e morre no parto. Temos aí então duas realidades maternas. Uma mãe que se foi com a filha, outra que se foi e deixou os filhos e a partir daí surge então outra espécie mãe. A mãe que escolhe amar filhos que não são seus. Rebentos de outras barrigas. Maria

¹³ Por maternagem compreende-se o conjunto de cuidados dispensados ao bebê com o objetivo de atender às suas necessidades. Estas são descritas como necessidade de “continência”, que compreende não apenas o ato mecânico de segurar o bebê no colo, mas também o suporte físico e emocional e os cuidados quanto ao manuseio (do corpo). A maternagem envolve, portanto, a sensibilidade da mãe – entendendo aqui a mãe propriamente dita ou a pessoa que exerce a função materna – em decodificar e compreender essas necessidades, estabelecendo uma rotina que favoreça o crescimento da criança, seu desenvolvimento e estabilidade emocional e ofereça proteção contra os perigos externos. Coleção *Percepções da Diferença - Negros e brancos na escola. Maternagem: Quando o Bebê Pede Colo.* (2007 p. 12)

Domingas ao ver o viúvo tão atarantado e sem jeito com os filhos, mesmo sendo mais velha resolveu: “Ia ser mãe a avó de filhos que nunca tivera. E o seu coração adotou Tita e Zuim” (EVARISTO, 2017, p. 135).

Ditinha tem consciência da dificuldade de criar seus filhos e, quando engravida novamente, não se constrange em não querer outro bebê. Ela tem consciência da dificuldade de cuidar dos filhos sozinha e sem companheiro.

A barriga de Ditinha cresceu. Beto estava com treze anos. Ela temia pelo futuro de Beto. E depois vieram o Zé, o Nico. A mesma coisa, ela só faltou tomar o diabo em pó para abortar, entretanto a barriga crescia. Na última gravidez, ela já sabendo que remédios, chás de nada adiantavam, pois tinha o organismo forte, de mulher parideira, Ditinha foi mais longe. Maria Cosme não era escrupulosa como Vó Rita. Maria Cosme enfiou uma sonda por dentro de Ditinha. A sonda ficou lá dentro quase dez dias, até que numa manhã ela começou a sangrar. Sangrou tanto que foi parar no hospital. Os médicos queriam que ela dissesse o nome da “fazedeira de anjinhos”. Ela não disse mesmo; pelo contrário, se preciso fosse, se pudesse até esconder Maria Cosme, ela esconderia. Tiveram que retirar o útero e o ovário de Ditinha. Ela respirou aliviada, pelo menos não criaria barriga mais nunca. (EVARISTO, 2017, p. 102)

Não se vê em momento algum na fala de Maria-Nova, desprezo por ela. É apenas um relato cru, sucinto, podendo até ser considerado pragmático. O fato de Ditinha não querer mais um filho não a impedia de ser uma excelente mãe para os que ela já tinha.

Ao contrário do que se prega socialmente, a autora demonstra que a maternidade não é algo irracional, etéreo e irrevogável para as mulheres. Pode ser sim, um momento de escolha e racionalidade. O fato de não se querer ter filhos, de se querer ter o controle de quantos filhos se tem ou até mesmo de se resignar com a perda deles, como Custódia que, violentamente espancada por D. Santina, aborta seu filho, é um reconhecimento do poder de decisão feminino. Para Audre Lorde, esse compartilhar de experiências, estimula outras mulheres a quebrarem o silêncio que lhes foi imposto (2020, p.55). Ao escrever sobre personagens que, são capazes de se verem donas de suas próprias decisões, Evaristo propõe uma reflexão sobre as atitudes esperadas das mulheres negras na sociedade. Não é porque determinado comportamento é esperado que ele deva ser seguido afinal, é preciso respeitar e compreender o limite de cada um.

O amor também é retratado em **Becos da Memória** das mais variadas formas e maneiras. Ao contrário de muitos livros, a presença de um amor “real” e, porque não dizer, opcional também é vista como no relato sobre Rute e Jorge Balalaika. Ela, mulher calada e que não se dava muito com os vizinhos. Com saídas misteriosas e constantes, troca o marido açougueiro, segundo dizem os moradores da favela, por um padeiro. Abandona o marido e os dois filhos levando-o a cometer um ato extremo: “Quando primo Joel chegou ao barraco de

Jorge Balalaika, o homem tinha jogado álcool no corpo, na casa e ateado fogo. Os becos mais próximos escutaram os soluços, os gritos do homem queimando a sua dor” (EVARISTO, 2017 p. 113).

Um amor não convencional também é registrado na história de Balbina, Mundica e Lica, irmãs que vieram da roça e que moravam debaixo do mesmo teto, dividindo o mesmo marido. Balbina chegou primeiro, seguida de Mundica e finalmente Lica. Tinham consciência do relacionamento uma da outra com Joel e, não se importavam em dividir o homem.

Muita gente na favela nem falava com Primo Joel, as mulheres. Os homens não se importavam, tinham Joel como amigo. E elogiavam a coragem dele. Primo Joel ria, ria, ria.

As três estavam sempre juntas, costumavam aparecer nas rezas. Nunca, porém, os santos iam para o barraco delas. Elas nunca pediam. Todos diziam que elas viviam em pecado mortal.

Balbina, Mundica e Lica, irmãs, mulheres de Primo Joel (EVARISTO, 2017, p.115).

Numa espécie de casamento coletivo e consensual, a história de Joel Balalaika e suas mulheres, é contada por Evaristo sem nenhum tipo de julgamento. Uma narrativa contada de forma tão simples que até mesmo o leitor mais conservador, pode pegar-se dando risada da galhardice do homem e, admirando a decisão das irmãs de compartilhar o marido e por conseguinte o amor a que a elas era oferecido sem nenhum tipo de ciúme ou ressentimento. Numa situação que poderia causar constrangimento ou até mesmo tragédia, o relato na verdade assume contornos de um autoconhecimento das mulheres que estão envolvidas nele que se permitem amar e serem amadas para além daquilo que se considera convencional socialmente.

Em seu texto **Vivendo de Amor** (2008), bell hooks diz que as mulheres negras ao experimentarem a força transformadora do amor, assumem atitudes que são capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Ela afirma que o “o amor cura” e na história de Dora e Negro Alírio, Evaristo fala sobre uma mulher que chega com várias bagagens emocionais e se junta a um homem também com suas cicatrizes, mas que procuram juntos firmarem um relacionamento pautado em amor e respeito.

Dora teve vários outros homens e que, se permitia amar e ser amada dentro de seus próprios termos. Uma mulher que se permitiu escolher o momento certo de amar. Ao contrário do que convencionalmente se esperava de uma mulher negra e periférica, que deveria aceitar o que lhe viesse, pois como afirma bell hooks:

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado

um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (2008¹⁴)

Dora tinha ciência de seu corpo e de suas vontades. Por isso, sua história com Negro Alírio é permeada de maturidade e respeito. “Ela disse se chamar Dora. Ela gostava muito do nome dela, aliás Dora gostava muito de si própria” (EVARISTO, 2017, p.95).

Outra temática abordada sem nenhum tipo de constrangimento e que acaba ganhando contornos de denúncia, é a violência a que são submetidas as mulheres e muito mais as mulheres negras e periféricas.

Não somente na história de Fuizinha e sua mãe, assassinada por seu pai – Fuinha, no aborto provocado pela surra que D. Santana deu em Custódia, na violência psicológica sofrida por Ditinha ao ser levada para a delegacia e confessar o roubo e ter que ficar em pé, ao lado da fossa, esperando que os policiais enquanto retiravam todo o excremento para encontrar o broche. Há também a violência a que são submetidas todas aquelas pessoas por terem que sair de seu lugar de origem, sem ao certo, saberem para onde e como.

Usar sua própria narrativa como expressão da voz de grupos minoritários literariamente, é assumir um papel de resistência pois, como afirma Frantz Fanon “falar é existir absolutamente para o outro” (2008, p.33).

Muito mais que uma denúncia às violências e ao desprezo impostos por uma sociedade hegemônica, percebe-se a força do relato de Maria-Nova no sentido de fazer com que ao ultrapassar as fronteiras da sua própria memória, elas passem a habitar também a memória daqueles que venham a ler tais narrativas.

3.1 – Maria-Nova – a força que vem de dentro

Boletim de Ocorrência
 Mulher negra,
 Não para
 Por essa coisa bruta
 Por essa discriminação morna,
 Tua força ainda é segredo,
 mostra tua fala nos poros
 O grito ecoará na cidade,
 Capinam como mato venenoso
 a tua dignidade, [...]
 Tua negritude incomoda
 Teu redemoinho de forças afoga
 Não querem a tua presença

¹⁴ Disponível em <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 05/12/2020.

Riscam teu nome com ausência.
 Mulher negra, chega
 Mulher negra, seja
 Mulher negra veja
 Depois do temporal.
 [...]
 Transpiro a liberdade.
Alzira Rufino (1988)

Becos da Memória não reflete especificamente a história de uma pessoa somente, ou até mesmo os feitos de uma heroína única. É o relato de Maria Nova e de todos os que a cercam. O relato do cotidiano feito de forma não linear, o que acaba por enfatizar o quanto a vida é de fato cíclica. Ela fala de um lugar marginalizado e esquecido por tantos ao refutar paradigmas e formar resistências.

Pela voz de Maria-Nova, Conceição Evaristo faz com que seus textos sobrepujem limites. Em uma narrativa esteticamente primorosa, suas personagens e suas tramas passam a transitar para além dos espaços antes determinados a elas, e chamados de espaços marginais alcançando o ambiente acadêmico. Suas histórias passam a ditar discussões de alcances sociais e políticos e que acabam por levar os leitores a refletirem sobre situações que, até então passavam completamente despercebidas a eles.

Em uma maneira de questionar o isolamento, enfrentar o apagamento até então imposto às mulheres negras, a autora pela voz da narradora de **Becos da Memória**, permite que se encontre em tais relatos eco de suas palavras e conseqüentemente de suas vidas. A escrita transcende o papel ao fazer com que o reconhecimento da escrita de Conceição Evaristo por suas iguais seja mais que um fator biográfico, fenotípico ou geográfico, seja também um fator de identificação ancestral.

Elisângela Gomes em sua dissertação **Falas Insubmissas: Memória e Construção na obra da escritora Conceição Evaristo**, afirma que ao registrar a experiência coletiva, “Maria-Nova cumpre com a missão de reescrever uma outra narrativa possível sobre a favela e os que nela moram. Além de narrar a vivência compartilhada, liberta as histórias de vida que estão invisibilizadas” (2019, p.89).

É como se a autora emprestasse seu talento, sua facilidade com as palavras para aqueles que não são ouvidos, mesmo sabendo que os depoimentos dados à narradora falavam por si. É mister relembrar que durante muito tempo as mulheres negras foram muito mais que esquecidas, silenciadas, foram completamente ignoradas.

Grada Kilomba em seu livro **Memórias da Plantação** alerta para o silenciamento enquanto processo de dominação e colonização de uma raça já que se não podem falar, não são

ouvidos e conseqüentemente não demarcam posicionamentos, emitem opiniões enfim, passam a não pertencer.

Muito mais que contar a história daquele lugar, Maria-Nova ao nomear pessoas, sentimentos e situações quebra com o paradigma até então posto que de certa maneira, como uma máscara, impedia seu povo de falar. Ela acaba por, através de sua voz, devolver a humanidade a todas aquelas outras vozes que até então vinham seguindo silenciadas. Ao ouvir relatos sobre o passado, a narradora traça um roteiro que a aproxima de seus antepassados levando-a a ter uma conexão tão forte com sua ancestralidade que imprime em suas palavras, o eco da vivência de seu povo.

Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (EVARISTO, 2020, p. 63).

Ela inicia então, um diálogo necessário com o leitor conduzindo-o do centro para a margem e vice-versa. Há todo um processo de descolonização do olhar de quem lê ao apresentar personagens que podem ser vistas cotidianamente em qualquer lugar. Quando ela relata o processo de desfavelamento, ela o faz através da sua fala, porém, por uma pluralidade de olhares que acabam por registrar experiências compartilhadas por eles enquanto grupo social. Segundo ela “Havia sonhos que não cabiam em barrancos, que não se realizavam jamais. Havia ilusão para se aguentar a viver” (EVARISTO, 2020, p.120).

Mais do que somente sonhar com um lugar melhor, Maria-Nova por meio de sua escrita, torna possível que sejam registradas as vivências e lembranças de um tempo e de pessoas que a partir daí não seriam mais esquecidas. Por isso ela ouvia tudo muito atentamente, para além de ser observadora e dona de uma perspicácia quase que intuitiva, percebia que entender o que aconteceu com seu povo, compreender as tramas que teciam sua vida, faria com que ela se enxergasse também como mulher negra e brasileira. Ela assume o papel de sujeito, reivindica a oportunidade estar no lugar do outro e assim faz com que sua narrativa seja carregada de verossimilhança.

Djamila Ribeiro em seu livro *Lugar de Fala*, afirma que “Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (2019, p.75). Ao falar sobre sua história, sobre os acontecimentos que a rodeavam, a narradora

possibilita que um novo olhar se abra para a construção de novos relatos estabelecendo assim, proximidade com o leitor.

É impossível ler alguns fatos do livro sem sentir um desconforto, uma dorzinha fina que nasce lá no coração e chega na mente de quem lê ou ao menos um certo constrangimento para aqueles que são menos sensíveis, seja pela semelhança de identificação, pela simpatia ou até mesmo pelo fato de realmente conhecer tal situação.

Quando relata a história de Nazinha, a menina que foi vendida por sua mãe para um homem que a levou e nunca mais se ouve falar dela, Maria-Nova em seus sonhos, ao saber dessa venda, “vê” e “sente” a dor e o terror que se acomete da amiguinha. Ao contar a história do menino Brandino que, como todos os outros meninos da comunidade, brincavam de escorregar no lugar em que os tratores estavam abandonados após o acidente com os homens do lugar e que foram deixados pela construtora, e em uma dessas brincadeiras ele sofre um acidente que o deixa paraplégico. Assim, sua mãe – não nomeada pela narradora – “pegava o menino, colocava num carrinho de madeira, pegava os três menores e saía a pedir-ganhar-esmolas” (EVARISTO, 2017, p.80). Vê-se uma tristeza expressa nos adjetivos que a menina encontra para descrever tal situação tão trágica. Ou então quando conta a história de Custódia, espancada pela sogra – religiosa, fanática – que aproveita de um momento em que seu filho chega, novamente, bêbado em casa e ao ajudar sua nora a carregá-lo, “aproveita” o momento para bater na barriga da nora, causando assim o aborto. Não há como não ter os olhos marejados de lágrimas seja por pena de uma ou ódio da outra.

São relatos que levam o leitor a sentir tristeza, indignação e até mesmo raiva da situação e impotência sobre o fato de não haver por parte dos personagens ou até mesmo da própria história, uma reviravolta “mágica” que reverta tais situações ou puna os que precisam ser responsabilizados por suas condutas inescrupulosas. Seja a mãe de Nazinha ou o homem pérfido que a compra, a construtora que negligenciou a comunidade ou D. Santinha. De certa maneira, espera-se algo além do relato e da angústia que Maria-Nova sente.

Essas memórias estão latentes, pulsando na mente de Conceição Evaristo a ponto de extrapolar sua mente e ganhar a voz através de Maria Nova. Ao contrário do que muitas vezes pode-se acreditar, a raiva é um sentimento motivador não necessariamente tóxico. Muito mais do que se imagina é um instinto que pode permanecer inerte dentro da pessoa, mas capaz de levar alguém a se posicionar, escolher, agir em favor de determinadas situações. Audre Lorde diz que “A raiva é repleta de informação e energia” (2020, p.160). Talvez seja a raiva quem impulsiona Maria-Nova a traduzir sua indignação em relatos que são capazes de registrar a história de seu povo.

Quando se propõe a mudar, ela está ressignificando um mundo acostumado a virar a cara para as questões de gênero e raça. De fato, é uma resposta ao silêncio, à estereotipização aos quais eram submetidos os negros e muito mais as mulheres negras. “Uma mulher não deve expressar raiva, porque a raiva ameaça” (ADICHIE, 2020, p.24). Essa afirmativa é o que Chimamanda ouviu de um conhecido que leu um dos seus artigos e achou que ele era muito afrontoso e cheio de raiva para ser escrito por uma mulher. Mas o que ela aprendeu é que algumas mudanças positivas só podem acontecer se geradas por um sentimento tão forte que faz com que o ser humano evolua, procure saídas, quebre silêncios.

Maria-Nova vence a raiva, a vergonha, o medo, a tristeza, a subalternidade e apresenta-se como autora de uma narrativa que representa toda uma coletividade e a impulsiona para o desejo de mudança pela sua própria escrita acabando por se tornar uma narrativa inicialmente vista como de fácil entendimento, singela, mas que com o desenrolar se mostra com contornos de denúncia numa espécie de catarse individual e coletiva. A narradora torna sua escrita uma catalisadora da raiva, da indignação que a acometia e que através de um relato insurgente acaba por retirá-la desse “não-lugar” reservado até então para as mulheres de sua condição financeira e raça.

Ecléa Bosi declara que “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam” (1994, p.85). A partir dos relatos de Maria-Nova podemos perceber que ela conseguiu um jeito de compreender o mundo como espaço político e a partir daí se colocar como articuladora de novos conceitos para aqueles que se propõem a ver a vida muito além da superficialidade que ela oferece.

Na semana anterior, a matéria estudada em História fora a “Libertação dos Escravos”. Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. A professora já estava acostumada com as perguntas e com as constatações da menina. Esperou. Ela permaneceu quieta e arredia. A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria-Nova fitou a professora, fitou seus colegas: havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados (...) Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (EVARISTO, 2017, p. 149).

O que é preciso ressaltar é que mesmo tendo a formação ameaçada pela mudança e também por já estar “numa segunda série ginásial, Maria-Nova, mesmo assim fora da faixa etária, mais velha dois anos que seus colegas e em vias de parar de estudar, a partir do momento em que tivesse que mudar da favela” (EVARISTO, 2017, p.150), aproveita tudo o que lhe chega aos ouvidos e ao coração. Em uma formação diferenciada, uma aprendizagem calcada na articulação das memórias e da observação da vida que se apresentava desde muito cedo muito crua e dolorida a ela, encontra sua própria voz e a usa de forma crítica e potente.

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo (EVARISTO, 2017, p.76).

Ao não permitir ser colocada em locais até então destinados às mulheres antes dela, Maria-Nova se levanta contra um sistema que insiste em desumanizá-la. Fala corajosamente sobre a dor que está presente seja pelo excesso de trabalho, pela degradação, pela doença, solidão, perda, isolamento ou banimento. Ela embarca em uma luta contra o esquecimento e em favor da memória e do pertencimento da mulher negra.

Elisângela de Lana Costa em sua dissertação: **Becos da memória e da identidade em Conceição Evaristo** (2014), ao tratar sobre a importância do papel narrativo de Maria-Nova em **Becos da Memória**, afirma que a menina tem plena consciência da necessidade de escrever para dar visibilidade a vivência na favela, mas sabe também que é um longo caminho a ser percorrido. Além do fato também de saber que duas coisas importantes precisam ser mencionadas. A história contada um dia não será uma história somente dela, mas será a de uma coletividade que emergirá em oposição a uma memória oficial tão presente no cotidiano social. Uma memória relacionada à vida dos negros virá à tona a partir do livro que ela escreverá.

3.2 – Erguer a voz... não passar a vez: o lugar de fala em Becos da Memória

Cota não é esmola

“Experimenta nascer preta e pobre na comunidade.
Você vai ver como são diferentes as oportunidades”

Bia Ferreira

A literatura é um movimento representativo que engloba interesses e perspectivas sociais das mais variadas vertentes. É uma forma de se registrar pensamentos, convenções e

teorias. Enfim, um meio fértil e possível de oferecer aos mais diversos grupos o “lugar de fala”. Cada vez mais o fazer literário vem se modificando a partir da construção de novos espaços de representação e assim são criadas a partir destes, novas perspectivas sociais.

O problema tem sido o fato de que em muitos momentos, tal representatividade é questionada ou até mesmo cerceada a partir do momento que, se espera que somente uma voz pode e deve ser considerada relevante para a produção cultural de um lugar. A professora Regina Dalcastagné em seu artigo: *Uma voz ao sol representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*, diz que:

“O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala” (2002, p.34).

Muitas vezes a voz dos marginalizados é coberta por vozes daqueles que insistem em falar em nome deles sem que essas pessoas percebam que existe muito mais coisas envolvidas no ato de falar que simplesmente relatar fatos ou situações. Muito mais que falar faz-se necessário pensar sobre para quem se fala ou em que lugar se encontra enquanto fala.

Para mulheres negras, assumir seu “lugar de fala” nem sempre é um processo fácil pois, durante sua infância ou adolescência, foram ensinadas por sua própria família a se manterem cordatas e silenciosas. Romper com esses silêncios significa contar histórias, nomear sentimentos, denunciar explorações e enfrentar o medo. Muito mais que estar presente é preciso lidar também com a ausência dos lugares que estão sempre tão cheios da presença branca e masculina.

Ao encontrar sua voz, Conceição Evaristo dá voz a várias outras mulheres. Em um engajamento cuidadoso e muito vigoroso ela permite que por seus relatos, sujeitos que antes eram vistos e tratados por outros como objetos, assumam a primazia sobre seus discursos e suas ações. Falar ao contrário do que muitas vezes podemos imaginar, nem sempre propõe diálogo. Por isso na ficção tanto quanto na vida, é mister que se perceba o poder que existe nas palavras ditas por alguém que seja capaz de encontrar eco em seus leitores pois, ao compreenderem o poder da própria voz podem começar a questionar as amarras impostas pelas normas vigentes. “Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo, é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça” (HOOKS, 2019, P.36).

Quando devolve às suas personagens um conceito básico de humanidade – a fala, existe um movimento de descolonização dos olhares em uma diversidade de relatos que trazem ao centro vozes de mulheres negras não com o intuito de se sobreporem ou silenciarem outras, mas ela propõe uma mudança de paradigma onde elas possam falar enquanto mulheres que são e não como desprivilegiadas ou passíveis de condescendência por outros. Esse engajamento feminino proporcionou que mulheres negras produzissem leituras para as próprias mulheres negras que até então vinham consumindo o que estava posto para mulheres de forma geral.

Conceição Evaristo chama atenção sobre a subalternidade pelo olhar feminino sem desconsiderar o silêncio imposto a todos nessa trajetória emancipatória. Através de suas palavras outras mulheres silenciadas são alcançadas numa conectividade que surge de maneira inexplicável. Bem mais do que poemas e narrativas recheadas de personagens que podem ser facilmente identificadas em nossa sociedade, sobre o que se fala e a forma como se fala é um manifesto pela superação do medo que impulsiona cada uma a encontrar seu lugar no mundo.

Djamila Ribeiro (2019, p.44) afirma que “definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora”. Enfim ao usar criativamente os espaços literários e artísticos permite que novas perspectivas sejam criadas a partir de diferentes olhares.

Falando sobre o universo afrodescendente através de seus textos, Evaristo acaba por demarcar sua presença em um grupo literário específico e faz com que haja certo incentivo a formação de uma consciência social e política de seus leitores. Ela ergue sua voz a partir de suas escritas. Não permite que a oportunidade passe por ela sem que nada aconteça. Totalmente consciente de sua condição de mulher negra, a autora se compromete com uma pauta que transcende a própria literatura ao permitir que sua história seja percebida em meio a de suas personagens. Ela mesma afirma ser o ato de escrever um ato político.

A partir daí ganha espaço a necessidade de se representar devidamente social e politicamente grupos marginalizados. Quando novos atores falam, novos sentidos aparecem e passam a subverter o imaginário literário. “Todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade” (RIBEIRO, 2019, p.85).

Conceição Evaristo é uma escritora que “mineiramente” vem se contrapondo ao cânone literário com suas narrativas repletas de mulheres pretas, marginalizadas sem pender para o estereótipo reservado a elas no campo literário que, como afirma Lélia Gonzáles em seu texto **Por um feminismo afrolatinoamericano** são situadas em lugar de exclusão e afasia.

“Um dito popular brasileiro sintetiza essa situação ao afirmar: “branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”. Que se atenda aos papéis atribuídos as amefricanas (preta e mulata); abolida sua humanidade, elas são vistas como corpos animalizados: por um lado são os “burros de carga” (do qual as mulatas brasileiras são um modelo). Desse modo, se constata como a socioeconômica se faz aliada a superexploração sexual das mulheres amefricanas” (GONZÁLES, 2018, p.317).

Para Regina Dalcasgtané (2012, p.36), é primordial não apenas que se garanta não somente o lugar de fala como também a possibilidade que isso aconteça pois, é muito mais do que contemplar a liberdade de expressão mandatária em todo ordenamento legal, ao menos em países ocidentais, é contemplar a “possibilidade de “falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido”.

Em entrevista concedida à revista Carta Capital, Evaristo afirma que suas personagens surgem com marcas indelévels e profundas de sua condição de mulher negra, pobre e parte da sociedade brasileira. “Pois é do cotidiano das classes populares que retiro o sumo da minha escrita. É desse meu lugar, é desse de “dentro para fora”, que minhas histórias brotam”. É esse perceber de suas humanidades que faz com que sua narrativa seja reconhecida por seus pares.

E é ao entender o conceito de lugar de fala como muito mais do que uma forma de se manifestar ou manter o discurso representativo de um grupo que ele se transforma em uma ferramenta política que contrapõe a discursos já postos. Afinal para Djamila Ribeiro (2019, p.75) “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negroes) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho. Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?”

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem”

Sojourner Truth

Mais uma vez a única companhia que ela tinha era a música de Nina Simone tão belamente tocando em seus ouvidos, o barulho dos garis recolhendo o lixo na madrugada completamente alheios ao horário, cantando e brincando quase numa alegria infantil levando-a a pensar nos homens meninos de **Becos da Memória** que, como eles, mesmo marcados pelas dificuldades ainda sorriam para a vida como se a desafiassem a tirar algo mais deles.

Os dedos inertes sobre o teclado em uma espécie de birra contra sua mente, se recusavam a finalizar essa relação, duramente mantida a ferro e fogo, algumas vezes regadas por lágrimas e xingamentos é verdade, mas, um relacionamento consolidado entre eles durante todo tempo da escrita. Ironicamente a voz de Nina cantando *Ne Me Quite Pas*¹⁵ era a trilha sonora perfeita para aquela montanha de livros marcados por postites, marca-textos e alguns deles tatuados com sua letra nas margens como um bilhete algumas vezes de sua ignorância outras tantas de suas descobertas.

Era isso? Acabou? Como traduzir a metamorfose pela qual havia passado desde o momento em que olhou para os escritos de Conceição Evaristo e eles olharem profundamente de volta para seus olhos? Como relatar o momento da crisálida? O transformar da lagarta em borboleta? O descobrir de sua feminilidade agora em todo esplendor de sua raça.

A mudança era perceptível, principalmente para os mais próximos, que em a ponto de surgir uma piada interna dizendo que, agora não demoraria ela acabaria por “perder seu réu primário” ao confrontar comportamentos racistas, participar de manifestações, ingressar em coletivos negro-femininos e munida desse novo olhar refletir sempre. Muito mais do que sua fala, o aceitar-se negra também chegou em sua aparência. Era preciso reconhecer o quanto foi libertador aceitar seus cachos e vê-los como sua coroa. Em meio a enfrentamentos, arrependimentos e desculpas às filhas que não tiveram nela, quando crianças esse acolhimento

¹⁵ Música originalmente gravada por Edith Piaf que tem seu título traduzido como: Não me deixes.

com relação às próprias madeixas, eles vieram surgindo brilhantes, grisalhos e afrontosos como marca de sua aceitação.

A essa hora, a madrugada já ia alta e em sua cabeça uma trilha sonora específica, feita para esse momento de escrita, lá no início há cerca de um ano atrás, veio trazendo a sua memória todos os momentos em que a escrita e a leitura foram se misturando em um balé africano seguindo a cadência dada pela sua mente, porém num ritmo ditado por seu coração.

Conhecer a história de Conceição Evaristo desde seu nascimento, juventude e vida adulta passando por sua militância e pensar sua escrita como percussora de uma geração de mulheres negras escritoras fora estimulante. Em sua imaginação, a autora se tornou D. Ceíça, a vizinha ao lado que tinha sempre um dedo de prosa, um cafezinho e vidro de arnica na despensa para emprestar. Era fácil se imaginar amiga dela em qualquer fase de sua vida. Ela é uma de nós, ou como prefira uma era porque a outra é. Confuso? Não... claro que não. É simples se compreendermos o fio invisível que nos liga enquanto mulheres e se fortalece em nossa ancestralidade.

Não perdia nenhuma *live*, minicurso, palestra enfim, qualquer coisa que a aproximasse mais do seu objeto de pesquisa. Aliás nunca fora afeita a essas expressões acadêmicas. Como pode D. Ceíça ser objeto de alguma coisa? Uma coisa que aprendeu foi que de objeto a danada não tinha absolutamente nada pois, através de seu livro mulheres negras puderam se ver e ter seus lugares ressignificados.

Pelo contar de seus “causos” Conceição Evaristo permitiu que ela enxergasse suas avós, tias, primas, sobrinhas, sua mãe naquelas histórias. E que orgulho ter sua ancestralidade representada. Que privilégio saber que as que vieram antes não desistiram e muitas vezes, mesmo que silenciosamente fizeram suas revoluções usando aquilo que nada e nem ninguém poderia um dia tirar delas: o conhecimento.

Em uma cadeia de amor e sabedoria as mais velhas foram transmitindo seus saberes para as que viriam. Conceição Evaristo abriu portas para que ela conhecesse vozes potentes como Grada Kilomba, bell hooks, Lélia Gonzalés, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Angela Davis, Audre Lorde e tantas outras que se tornaram um manifesto vivo pela valorização da mulher negra e pela ocupação delas em qualquer espaço que elas queiram ocupar.

A voz grave de Nina Simone agora cantava “Eu gostaria de saber como é a sensação de ser livre. Eu gostaria de poder quebrar todas as correntes que me prendem...”¹⁶. Então ela pensou em como foi cativa de suas convenções sociais a ponto de não reconhecer sua negritude

¹⁶ Trecho da música *I Wish I Knew How It Would Feel To Be Free* de Nina Simone.

e deixar várias oportunidades de se posicionar passarem. Mas isso não aconteceria mais. Sua escrita vinha agora propor mudanças. Propor o reconhecimento tanto da vivência quanto da condição da mulher negra e periférica como uma escrita literária que fosse muito mais que literatura, fosse um ato político.

Em suas leituras e reflexões encontrara seu lugar de fala, abrira caminhos para outras vivências, fizera novas, pretas e femininas amizades, aprendera que ser uma mulher negra envolve muito mais que aceitar sua cor, seu cabelo ou discutir sobre lugares de acesso ou sobre a maneira como a sociedade nos trata ou enxerga. Em seu processo de escrita aprendeu o quanto é importante que mulheres negras se apoiem, que escrevam, pesquisem, que falem e ocupem espaços quase que exclusivos da branquitude até hoje. Pode até não ser na velocidade esperada ou da maneira que gostaria, mas a marcha rumo a essa ocupação não pode parar.

A impressão que tinha é que seus dedos continuavam paralisados no teclado. Tanta coisa, tanto tempo e mesmo assim parecia faltar algo. Na janela da sala, os primeiros reflexos do sol anunciam que mais uma noite em excelente companhia ela havia passado. Mas hoje, bem diferente daquela que começou. Mais confiante, com mais leituras, com marcas do atravessamento que essas leituras lhe causaram. Mas ao contrário do que se poderia pensar, com muita alegria das cicatrizes que tais enfrentamentos lhe provocaram. Ela sabia que muito ainda havia de ser feito. Reconhecia seus privilégios mesmo dentro de um universo tão pouco afeito às mulheres negras, mas como Conceição Evaristo – Maria-Nova – ela procuraria meios de fazer com que sua voz chegasse também até as casas grandes. Ela também ergueria a voz... não passaria a vez!

É claro que o caminho era longo e, evidentemente muito longe de terem-se esgotados todos os argumentos possíveis em sua pesquisa, havia o compromisso fremente de continuar a se descobrir e também de levar outras meninas mulheres, que estivessem como ela anteriormente, nessa condição de subalternidade, mesmo que desavisadamente, a descobrir novos caminhos. E enquanto meus dedos se despedem do teclado, em uma espécie de acordo tácito: Nina Simone canta “Here comes the sun, here comes the sun. And I say it's all right!”¹⁷ É isso Ninas, Conceições, Djamilas, Valdivinas, Franciscas, Valdetes, Zenildas, Clésias, Amaildes e Lízias, a despeito de toda dor, todo apagamento ou esquecimento, continuaremos a incomodar o sono injustos das casas-grandes e acreditem: lá vem o sol e está tudo bem!

¹⁷ Canção originalmente gravada pelos Beatles: *He comes the sun*, podendo ser traduzida por: *Lá vem o sol*

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma História Única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todas Feministas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 1-63.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado – literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BASTOS, Hermenegildo. **Formação e Representação. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura**, UNB, n. 21, p. 96-112, dez./2006.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- CARNEIRO, Júlia Dias. **É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora**. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. *Soc. estado*. [online], v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 87-110, jan./jun. 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória I**. [S. l.], 23 jun. 2020. Instagram: @conceicaoovaristooficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBzHTT2pDuU/>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Mazza, 2006.
- EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. *Revista Palmares*, ano 1, p. 52-57, set. 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**: Tradução Renato da Silveira. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 25-191.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. São Paulo: Typographia Dous de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1859.

GELEDES. **Vivendo de amor**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GOMES, E. **Falas insubmissas: memória e comunicação na obra da escritora Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Cidadania) – Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 111. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: Pensar como feminista, pensar como negra**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019. p. 1-380.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *População, por cor ou raça*. 2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado>. Acesso em: 22 maio 2020.

JAMES, Carl E. **Perspectives on Racism and the Human Services Sector: A Case for Change**. Toronto, Canadá: University of Toronto Press, 1996.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Juliana Domingos de. **Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”**. *Nexo Jornal*, [S.l.], 26 maio 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 08 mar. 2020.

LORDE, Audre; **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 7-237.

MOREIRA, Matheus; DIAS, Tatiana. **O que é ‘lugar de fala’ e como ele é aplicado no debate público**. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%ABlico>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ORIGEM DA PALAVRA. *Memória*. 2011. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/memoria/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 7-135.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SILVA, Luiz. **O leitor e o texto afro-brasileiro**. 2012. Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2012/11/22/o-leitor-e-o-texto-afro-brasileiro/>. Acesso em: 08 mar. 2020.

SILVEIRA, T. C. C. J; **E eu não sou uma mulher?** A narrativa de Sojourner Truth. 1. ed. Rio de Janeiro: Ímã, 2020. p. 11-216.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart. Belo Horizonte: UFMG, 2010.